

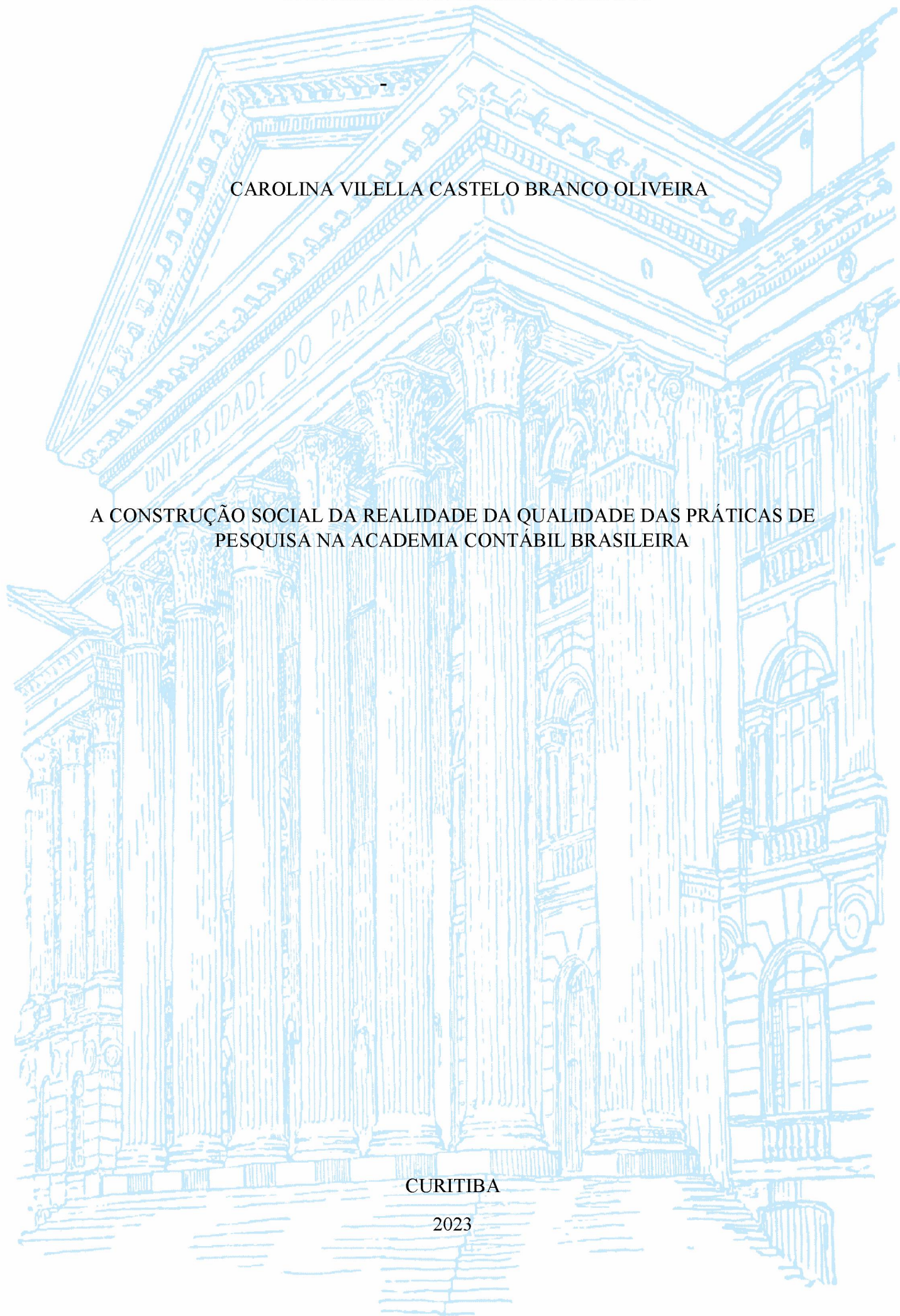
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINA VILELLA CASTELO BRANCO OLIVEIRA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DA QUALIDADE DAS PRÁTICAS DE  
PESQUISA NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

CURITIBA

2023



CAROLINA VILELLA CASTELO BRANCO OLIVEIRA

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DA QUALIDADE DAS PRÁTICAS DE  
PESQUISA NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Contabilidade do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Contabilidade.

Área de Concentração: Contabilidade e Controle Gerencial.  
Laboratório de Educação e Pesquisa Contábil (LEPEC)

Orientadora: Profa Dra Sayuri Unoki de Azevedo.

CURITIBA

2023

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Oliveira, Carolina Vilella Castelo Branco

A construção social da realidade da qualidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira / Carolina Vilella Castelo Branco Oliveira. – Curitiba, 2023.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Contabilidade.

Orientadora: Profa. Dra. Sayuri Unoki de Azevedo.

1. Pesquisa e prática. 2. Contabilidade. 3. Realidade social.  
I. Azevedo, Sayuri Unoki de. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Contabilidade. III. Título.

Bibliotecária: Maria Lidiane Herculano Graciosa CRB-9/2008



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CONTABILIDADE -  
40001016050P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação CONTABILIDADE da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CAROLINA VILELLA CASTELO BRANCO OLIVEIRA** intitulada: **A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE DA QUALIDADE DAS PRÁTICAS DE PESQUISA NA ACADEMIA CONTÁBIL BRASILEIRA**, sob orientação da Profa. Dra. SAYURI UNOKI DE AZEVEDO, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 31 de Agosto de 2023.

Assinatura Eletrônica

01/09/2023 18:55:39.0

SAYURI UNOKI DE AZEVEDO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

05/09/2023 11:57:11.0

CRISTINA HILLEN MARCHINE FERREIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

04/09/2023 14:55:49.0

FLAVIANO COSTA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico esta dissertação à minha avó Lídia (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Richard – por me ensinar a importância do estudo e da responsabilidade.

À minha mãe Magda – por cuidar de mim e me ensinar a importância da dedicação.

Ao meu irmão Rodrigo – por me mostrar que a vida pode ser leve.

Ao meu avô Marcos, amor da minha vida, *a simple kind of man* – por ser tão zeloso, um ser humano exemplar, e me amar incondicionalmente.

À minha avó Nina – por ser um exemplo de força e feminismo.

Ao meu avô Nonô e minha avó Lídia – por me mostrarem felicidade nas coisas simples.

À minha família, aqui representada pelo meu tio Kiko – por todo o carinho e por acreditarem em mim.

Aos meus amigos, aqui representados pelo meu *best* Diogo – por entenderem minha ausência e me apoiarem.

À minha professora e orientadora Dra. Sayuri Unoki de Azevedo – pela calma e comprometimento nas orientações, pelo acolhimento e, principalmente, por ter me ensinado tanto de forma profissional e empática.

Aos professores Dr. Flaviano Costa e Dra. Cristina Hillen Marchine Ferreira - pelas valiosas e gentis contribuições.

Aos professores entrevistados – pelo tempo e boa vontade dispensados, além de conhecimentos que ultrapassaram o tema proposto.

Aos professores do PPGCONT/UFPR, aqui representados pela professora Dra. Edicreia Andrade dos Santos – por todo o conhecimento compartilhado.

À professora Mônica Zaidan Gomes (UFRJ) – pela receptividade e apoio.

Aos colegas de mestrado, aqui representados pelo amigo Pedro Henrique da Silva de Melo Pereira – pelas trocas, conselhos e risadas.

Aos graduandos dos quais fui tutora – por me darem a alegria do ensino.

Aos meus orientadores Rosemar José Hall (graduação) e Erlaine Binotto (iniciação científica) – por plantarem a semente da pesquisa em mim.

Aos professores Thiago Vidotto, Juliana Aparecida Gulka, Fernanda Bueno Cardoso Scussel e Gilson Luiz Volpato – por mudarem minha vida acadêmica.

Aos membros do Laboratório de Educação e Pesquisa Contábil (LEPEC), aqui representados pela amiga Crislaine de Fátima Gonçalves de Miranda – pelos excelentes *insights*.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – pelo auxílio financeiro durante o primeiro ano do mestrado.

O único lugar que podemos exercer nossa liberdade de escolha é no presente.  
(Edith Eva Eger, A bailarina de Auschwitz, 2019, p.197)

## RESUMO

A Ciência Contábil no Brasil ainda é nova em termos de pesquisa científica. Sua expansão se deu apenas no final dos anos 90 e início dos anos 2000, quando o número de programas de pós-graduação *Stricto Sensu* aumentou e fomentou o processo científico na área. Em conjunto, a qualidade das práticas de pesquisa na contabilidade vem se desenvolvendo, não sem encontrar problemas no campo. Considerando a importância da qualidade da prática de pesquisa para a consolidação da Contabilidade enquanto Ciência, esse trabalho buscou compreender como está sendo construída socialmente a qualidade da prática de pesquisa no campo científico contábil brasileiro. Para a consecução desse objetivo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dezoito pesquisadores vinculados à programas de pós-graduação *Stricto Sensu*, posteriormente analisadas pela lente teórica da Construção Social da Realidade, por meio da análise de conteúdo. Dentre os resultados, o atributo rigor foi apontado pela maioria dos entrevistados como um elemento essencial da qualidade da prática de pesquisa, sendo legitimado, mas não internalizado pela academia contábil. Enquanto isso, o grupo de pesquisa e a participação em congresso se mostraram fatores internalizados pela academia, ou seja, reconhecidos imediatamente como elementos que denotam qualidade da prática de pesquisa. Os resultados da entrevista permitiram propor uma definição para qualidade da prática de pesquisa que se divide em atributos, métricas e fatores suplementares. Ainda, foi verificado que a disciplina é o mecanismo internalizado que constrói, transmite e mantém a qualidade da prática de pesquisa, uma vez que sua obrigatoriedade a torna coercitiva. Este trabalho direciona, para pesquisas futuras, identificar qual o motivo de o atributo rigor não ser internalizado, testar a proposta de definição da qualidade da prática de pesquisa, entre outros.

Palavras-chave: Qualidade da Prática de Pesquisa. Construção Social da Realidade. Academia Contábil. Rigor.

## ABSTRACT

Accounting Science in Brazil is still new in terms of scientific research. Its expansion only took place in the late 90s and early 2000s, when the number of *Stricto Sensu* postgraduate programs increased and encouraged the scientific process in the area. Taken together, the quality of research practices in accounting has been developing, not without encountering problems in the field. Considering the importance of the quality of research practice for the consolidation of Accounting as a Science, this work sought to understand how the quality of research practice in the Brazilian accounting scientific field is being socially constructed. To achieve this objective, semi-structured interviews were carried out with eighteen researchers linked to *Stricto Sensu* postgraduate programs, subsequently analyzed through the theoretical lens of the Social Construction of Reality, through content analysis. Among the results, the rigor attribute was highlighted by most interviewees as an essential element of the quality of research practice, being legitimized, but not internalized by the accounting academy. Meanwhile, the research group and participation in congress proved to be factors internalized by academia, that is, immediately recognized as elements that denote quality of research practice. The results of the interview allowed us to propose a definition for the quality of research practice that is divided into attributes, metrics and supplementary factors. Furthermore, it was verified that the discipline is the internalized mechanism that builds, transmits and maintains the quality of research practice, since its obligation makes it coercive. This work directs future research to identify why the rigor attribute is not internalized, test the proposal for defining the quality of research practice, among others.

**Keywords:** Quality of Research Practice. Social Construction of Reality. Accounting Academy. Rigor.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> <i>Modelo da qualidade da prática de pesquisa</i> .....	23
---	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> <i>Matriz de amarração metodológica</i> .....	28
<b>Tabela 2</b> <i>Perfil dos entrevistados</i> .....	29
<b>Tabela 3</b> <i>Descrição dos códigos – Qualidade da Prática de Pesquisa</i> .....	31
<b>Tabela 4</b> <i>Proposta de definição da Qualidade da prática de pesquisa</i> .....	38
<b>Tabela 5</b> <i>Descrição dos códigos – Uso</i> .....	39
<b>Tabela 6</b> <i>Descrição dos códigos – Fortalecer</i> .....	43
<b>Tabela 7</b> <i>Descrição dos códigos – Forte</i> .....	46
<b>Tabela 8</b> <i>Momentos da Construção Social da Realidade - Elementos</i> .....	49
<b>Tabela 9</b> <i>Descrição dos códigos – Aprende</i> .....	50
<b>Tabela 10</b> <i>Descrição dos códigos – Transmite</i> .....	54
<b>Tabela 11</b> <i>Descrição dos códigos – Manutenção</i> .....	57
<b>Tabela 12</b> <i>Momentos da Construção Social da Realidade - Mecanismos</i> .....	60

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

ANPAD	– Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
CAPES	– Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	– Comitê de tica em Pesquisa
CNPQ	– Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPESP	– Fundação de Amparo  Pesquisa do Estado de São Paulo
FEA/USP	– Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo
PPG	– Programa de Pós-Graduação
QPP	– Qualidade da Prática de Pesquisa
TCLE	– Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFPR	– Universidade Federal do Paraná
USP	– Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....	9
1.2 PROBLEMA E OBJETIVOS.....	11
1.3 JUSTIFICATIVA.....	12
<b>2 ASPECTOS TEÓRICOS.....</b>	<b>13</b>
2.1. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.....	13
2.2. CONTABILIDADE ENQUANTO CIÊNCIA NO BRASIL.....	17
2.3. QUALIDADE DAS PRÁTICAS DE PESQUISA.....	19
<b>3 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>24</b>
3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA.....	24
3.2 COLETA DE DADOS .....	24
3.3 ANÁLISE DOS DADOS .....	26
3.4 MATRIZ DE AMARRAÇÃO METODOLÓGICA .....	27
<b>4 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>29</b>
4.1 DADOS DEMOGRÁFICOS.....	29
4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS .....	30
4.2.1 ELEMENTOS DA QUALIDADE DAS PRÁTICAS DE PESQUISA.....	30
4.2.2 MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO, TRANSMISSÃO E MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DA PRÁTICA DE PESQUISA .....	49
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>70</b>
<b>APÊNDICE B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA.....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>76</b>

**APÊNDICE D – CODEBOOK ..... 79**

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A evolução da Contabilidade está associada ao progresso da humanidade (Peleias et al., 2007). No Brasil, seu ensino teve início em 1890, mas foi apenas no final do século XX que a Contabilidade assumiu uma vestimenta científica (Iudicibus et al., 2005; Peleias et al., 2007).

Em 1970, a Universidade de São Paulo (USP) implantou o primeiro programa de mestrado do país, e oito anos depois, o primeiro programa de doutorado (Peleias et al., 2007). No final da década de 90, por questões logísticas e legislativas, foram instituídos novos programas de pós-graduação *Stricto Sensu* que, junto dos esforços de pesquisadores, semearam as condições necessárias para o aumento da produção científica no Brasil (Silva et al., 2005; Peleias et al., 2007).

Simultaneamente, o sistema de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) favoreceu a competitividade por recursos (Castiel & Sanz-Valero, 2007; Martins, 2012). Diversos são os pesquisadores que apontam a necessidade e a pressão por publicação como catalisadores do aumento no número de produções (Andrade, 2011; Martins, 2012).

Contudo, o crescimento quantitativo dos artigos não resultou necessariamente em crescimento qualitativo (Costa & Martins, 2016), já que pesquisadores contábeis sinalizaram a busca por quantidade em detrimento da qualidade (Andrade, 2011). Martins (2012) declara que esses fatores contribuem para a morosidade na consolidação da pesquisa científica contábil no cenário mundial.

Desse modo, a busca por amadurecimento da academia contábil brasileira se reflete nas discussões encontradas na literatura. Uma discussão que está presente desde o início dos anos 2000 revela preocupações acerca de diversos problemas em estudos científicos da área contábil,

tais como: superficialidade; revisão de literatura desatualizada; teoria frágil ou falta de teoria; afirmações sem respaldo científico; falta de clareza na seleção da amostra; falta de transparência sobre o tratamento dos dados; replicação de estudos sem modificações substanciais; incongruências lógicas e estruturais; despreocupação com a confiabilidade e validade dos dados; más condutas relativas a coautoria, submissão, dados, referências e citações; problemas com os pares e a falta de envio ao comitê de ética; falta de contribuição para a área, falta de pré-teste e de domínio das variáveis de controle, entre outros (Andrade, 2011; Clarkson, 2012; Aguinis & Vandenberg, 2014; Almeida, 2014; Costa & Martins, 2016).

Assim sendo, a academia contábil brasileira tem se atentado a esse cenário produtivista e, paralelamente, traz discussões em relação à qualidade da prática de pesquisa na área. Em 2005, Theóphilo e Iudícibus discorreram sobre o problema de pesquisa ser um indicador de robustez da proposta do estudo. Já Clarkson (2012) liga a qualidade a três fatores fundamentais: contribuição, credibilidade científica, e comunicação. Para avaliar a qualidade dos artigos também foram destacados a metodologia adequada, problema e objetivo congruentes, referencial teórico consistente e contribuições (Espejo et al., 2013).

Ainda, Oliveira e Martins (2019) sugerem uma abordagem para avaliação do processo de pesquisa em contabilidade, assim como Martensson et al. (2016), que propõem um *framework* de qualidade do processo de pesquisa, o qual está dividido entre os fatores credível, contributiva, comunicável e conforme.

No entanto, apesar de diversos estudos buscarem expandir o conhecimento sobre aspectos da qualidade da prática de pesquisa, não existe unanimidade em relação ao significado desse conceito. A pesquisa pode ser definida como a prática de trabalhar de maneira científica (Martensson et al., 2016), cuja essência do processo é a formulação do problema de pesquisa, pelo qual os objetivos dessa são estabelecidos (Dzwigol, 2021). Já a constituição de uma boa prática científica é mais difícil de ser encontrada na literatura (Martensson et al., 2016).

A disseminação do conhecimento a partir de pesquisas de qualidade possibilita o progresso da ciência (Espejo et al., 2013). Visto que a Contabilidade busca por consolidação enquanto ciência, é importante compreender como a pesquisa nessa área vem sendo construída no que tange a qualidade da sua prática.

Nesse sentido, este trabalho fez uso da abordagem teórica da Construção Social da Realidade, que engloba três processos conhecidos como externalização, objetivação e internalização. A externalização ocorre por meio da ação, expressa como toda atividade humana sujeita ao hábito e que, quando frequentemente repetida, se molda em um padrão (Hillen, 2020). Já a objetivação ocorre quando determinada realidade é constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes da entrada do indivíduo em cena (Berger & Luckmann, 2014) e se subdivide em habitualização, tipificação, institucionalização e legitimação (Hillen, 2020). Por último, a internalização é a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido (Berger & Luckmann, 2014), e se subdivide em socialização primária e socialização secundária.

Estes três processos agem continuamente uns nos outros correspondendo, cada um deles, a uma caracterização do mundo social. Dessa forma: a sociedade é um produto humano (externalização); a sociedade é uma realidade objetiva (objetivação); e o homem é um produto social (internalização). Qualquer análise, sob essa vertente epistemológica, que desconsidere qualquer um desses processos, é uma análise distorcida (Berger & Luckmann, 2014, p.85).

## 1.2 PROBLEMA E OBJETIVOS

Este estudo buscou compreender como a qualidade da prática de pesquisa tem sido desenvolvida, transmitida e mantida por meio dos hábitos dos atores na pesquisa acadêmica contábil, direcionando a seguinte questão de pesquisa: Como está sendo construída socialmente a qualidade das práticas de pesquisa no campo científico contábil brasileiro?

Os objetivos específicos da presente pesquisa foram: a) verificar quais as práticas de pesquisa produzidas pelos atores da academia contábil brasileira que refletem qualidade; e b) compreender como a qualidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira está sendo construída.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Apesar de alguns autores já iniciarem a conversa sobre a qualidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira, não há um órgão regulamentador que defina e direcione para a qualidade das práticas de pesquisa. No entanto algumas instituições disponibilizam códigos de boas práticas científicas, como o CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2011), a FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2014) e a ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (2017). Esses movimentos ainda são pequenos e precisam ser ampliados.

Nesse sentido, esse trabalho se justifica, pois, a discussão da qualidade da prática de pesquisa é útil para solicitações de financiamento; análise de dados; princípio orientador de processos de revisão; avaliação de instituições e; base educativa para alunos de doutorado, permitindo que esses alunos avaliem suas próprias atividades (Martensson et al., 2016).

Em consoante, Oliveira & Martins (2019) advogam que estudos da avaliação de práticas de pesquisa podem impactar o campo ao ajudar pesquisadores a identificarem deficiências, limitações e pontos a serem considerados para melhorar suas escolhas metodológicas. Como resultado, pode-se alcançar maior aceitação e encurtamento do processo de submissão aos periódicos ao diminuir o número de revisões; além de ajudar os programas de pós-graduação (PPGs) a detectarem e mitigarem possíveis falhas, melhorando o processo de formação de novos pesquisadores (Oliveira & Martins, 2019).

## 2 ASPECTOS TEÓRICOS

### 2.1. CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

A sociologia do conhecimento se desenvolveu na década de 1920, na Alemanha. Porém, Berger & Luckmann trouxeram seu entendimento somente em 1966. Para os autores, a sociologia do conhecimento deve se ocupar com a construção social da realidade, buscando compreender o processo pelo qual o conhecimento humano se desenvolve, se transmite e se mantém em situações sociais (Berger & Luckmann, 2014). A realidade é entendida como a qualidade pertencente a fenômenos que existem independentemente das escolhas dos indivíduos (Berger & Luckmann, 2014, p.11). Já o conhecimento é a certeza de que os fenômenos sociais são reais e possuem características específicas (Berger & Luckmann, 2014, p.11).

A sociologia do conhecimento diz respeito à análise da Construção Social da Realidade (Berger & Luckmann, 2014, p.14) que, por sua vez, é uma abordagem teórica que engloba os processos de externalização, objetivação e internalização, que agem continuamente uns nos outros. Ainda, propõe que a realidade é construída por uma conjunção de fatores sociais, decorrentes da ação humana. O homem constrói a realidade social e, ao mesmo tempo, é influenciado por ela (Berger & Luckmann, 2014).

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. Esse processo se inicia na externalização, a qual ocorre por meio da ação, que é expressa como toda atividade humana sujeita ao hábito e que, quando frequentemente repetida, torna-se moldada em um padrão (Hillen, 2020).

A externalização também nos ajuda a ser inseridos na realidade social objetivada, a qual é constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes da entrada

do indivíduo em cena (Berger & Luckmann, 2014, p. 38). A objetivação reúne a habitualização de rotinas, tipificação recíproca, institucionalização e a legitimação (Hillen, 2020).

A habitualização acontece quando a ação se torna hábito e rotina, inerente ao indivíduo (Carvalho, 2017). Na sequência, tem-se as tipificações, que ocorrem a partir da relação do homem com a sociedade, pois elas estabelecem como o homem se dá com os outros, ou seja, como os outros são apreendidos por nós – o homem enquanto indivíduo social (Berger & Luckmann, 2014).

A institucionalização é composta pelos dois últimos conceitos, já que ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores, de forma que qualquer uma dessas tipificações é uma instituição. As tipificações que constituem uma instituição são sempre partilhadas, acessíveis a todos os membros do grupo social em questão, são produtos de história partilhada, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, e tem caráter de objetividade, ou seja, exterior e coercitivo (Berger & Luckmann, 2014).

Um mundo institucional é experimentado como legítimo e tem uma realidade objetiva que se origina da tipificação das *performances* próprias e dos outros. Quando uma nova instituição é passada de uma geração para outra, ela se torna instituição histórica e, com a historicidade, adquire objetividade (Berger & Luckmann, 2014).

As instituições são, então, cristalizadas e experimentadas como existentes além dos indivíduos que as encarnam – são percebidas como possuindo uma realidade própria (Berger & Luckmann, 2014). O pressuposto básico da sustentação de uma instituição está na medida em que existe um reconhecimento social dessa instituição como solução permanente de um problema permanente da coletividade dada (Berger & Luckmann, 2014, p. 95).

No último estágio, a legitimação compreende o modo pelo qual o mundo institucionalizado pode ser explicado e justificado (Berger & Luckmann, 2014, p.85). Esse

processo de legitimação acontece em níveis diferentes que, para Berger e Luckmann (2014) são quatro. O primeiro deles, descrito como incipiente se caracteriza logo que as primeiras objetivações humanas são repassadas a outrem, a exemplo da linguagem, em que determinada palavra é representada de forma empírica por sua imagem. Assim, afirmações como “é assim que as coisas são” delimitam esse primeiro nível de legitimação (Berger & Luckmann, 2014).

O segundo nível de legitimação se desenvolve com pressupostos teóricos de forma rudimentar, que normalmente estão relacionados às ações concretas e ao pragmatismo. Neste sentido, os elementos de legitimação são relacionados às regras morais, provérbios, contos que possibilitam o entendimento por parte dos indivíduos (Berger & Luckmann, 2014).

Já o terceiro nível de legitimação ocorre com maior complexidade, em que são constituídas teorias elaboradas e apresentadas de forma bastante organizada, com um corpo de conhecimento diferenciado. Para que seja legitimado, esse conhecimento necessita de especialistas que são incumbidos de repassar para os novos atores o que se sabe (Berger & Luckmann, 2014). Neste nível, “a esfera das legitimações começa a atingir um grau de autonomia em relação às instituições legitimadas e finalmente podem gerar seus próprios procedimentos institucionais” (Berger & Luckmann, 2014, p. 126).

Por fim o quarto nível é constituído como um universo simbólico, que é imperceptível ao senso comum e a vida cotidiana. Sua existência está relacionada às objetivações sociais e, ao mesmo tempo, sobrepõe essas objetivações. Esse universo é factível até mesmo na subjetividade do indivíduo, faz parte da vida dele, sem ao menos se perceber, e é cristalizado por um processo histórico e complexo de “objetivação, sedimentação e acumulação de conhecimento” (Berger & Luckmann, 2014, p. 128). Nesse nível, todos os setores da ordem institucional estão “integrados num quadro de referência global, que constitui então um universo no sentido literal

da palavra, porque toda a experiência humana pode agora ser concebida como se efetuando no interior dele” (Berger & Luckmann, 2014, p. 127).

Neste estágio final de legitimação, toda uma realidade de mundo é criada e essa é entendida de forma transcendente, ou seja, a participação nela ganha um sentido fora da própria realidade e é tomada como pressuposto dos seres humanos em dela participar. Muito mais que o produto de sua consciência, ela se sobrepõe e a modifica, transformando-se em elemento da própria subjetividade dos atores que dela participam. É neste nível que a tradição acontece e é sedimentada, sendo os atores por ela moldados em suas ações, condutas e teorizações (Berger & Luckmann, 2014). A legitimação usa da linguagem como o repositório objetivo de vastas acumulações de significados e experiências, que pode ser preservada no tempo e transmitida para as próximas gerações (Berger & Luckmann, 2014).

O terceiro e último processo tratado na Construção Social da Realidade é a internalização, que se trata da apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo dotado de sentido, e que ocorre por meio da socialização (Berger & Luckmann, 2014). A socialização é a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou setor dela (Berger & Luckman, 2014, p.169). Está dividida entre socialização primária, que ocorre na infância; e socialização secundária, que ocorre quando o indivíduo se vincula a funções específicas, direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho (Berger & Luckmann, 2014, p. 179).

A internalização é um processo que depende da externalização e da objetivação de forma cíclica. Ela é bem-sucedida se o sentimento de inevitabilidade estiver presente na maior parte do tempo (Berger & Luckmann, 2014, p.189).

A realidade subjetiva requer que os indivíduos sejam membros da sociedade pela socialização primária e pela secundária, uma vez que a socialização primária proporciona congruência aos processos subjetivos de apreensão do mundo. Essa realidade como vista por

diferentes indivíduos torna-se mutuamente consistente. Por outro lado, a socialização secundária envolve a internalização de submundos institucionais e pressupõe a formação de uma identidade congruente e contínua (Berger & Luckmann, 2014).

A socialização secundária exige a aquisição de vocabulários específicos de funções. Na socialização secundária é preciso reforçar a realidade pedagogicamente, ou seja, de forma vívida, interessante e com grau de importância (Berger & Luckmann, 2014). A socialização secundária só é bem-sucedida quando há alto grau de simetria entre as realidades objetiva e subjetiva, o que prova a dialética dos processos da Construção Social da Realidade (Berger & Luckmann, 2014).

## 2.2. CONTABILIDADE ENQUANTO CIÊNCIA NO BRASIL

A Contabilidade saiu de um sistema de escrituração e se transformou em um complexo sistema de informação e avaliação, com características científicas (Iudícibus et al., 2005).

Porém, essas características são encontradas apenas a partir do século XIX quando a Contabilidade se tornou capaz de estabelecer relações entre causas e efeitos, além de trazer um corpo conceitual (Iudícibus et al., 2005).

A implantação do primeiro programa *Stricto Sensu* em Contabilidade no Brasil ocorreu nos anos 1970, com o mestrado da FEA/USP (Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo), seguido do doutorado em 1978 na mesma instituição (Peleias et al., 2007). Essa década trouxe diversas mudanças relacionadas ao modo de pensar e fazer contabilidade, já que em 1976 a Lei das Sociedades Anônimas (6.404/76) trouxe aspectos até então não abordados pela contabilidade brasileira, como a aplicação da DOAR (Demonstração de Origens e Aplicações de Recursos) e a equivalência patrimonial, ambos tópicos pouco estudados e pouco disseminados no mercado (Martins, 2012). Nos anos 1980, não foram fundados novos programas *Stricto Sensu* em Contabilidade, situação revertida na década seguinte (Peleias et al., 2007).

No que tange à publicações, apenas em 1989 surgiu o primeiro periódico científico (Oliveira, 2002). Os artigos publicados anteriormente eram focados no que era considerado importante para a profissão, sem *blind-review* ou preocupação com rigor científico (Martins, 2012). Inclusive, esse último passou a ser mais bem explorado em 1997, quando o professor Gilberto Martins, especialista em metodologia da pesquisa, chegou ao programa de pós-graduação da USP (Martins, 2012).

Em 1998, a CAPES e o seu programa de avaliação passaram a pressionar os PPGs para aumentarem a quantidade de publicações (Martins, 2012), e os programas buscaram esse aumento, já que a produção intelectual do PPG equivalia a 35% da avaliação geral (Espejo et al., 2013). Na primeira década de 2000 os programas aumentaram consideravelmente, devido a questões logísticas e legislativas, tais como: aumento de professores doutores em Ciências Contábeis; aumento na oferta de cursos superiores no Brasil, incluindo o curso de Ciências Contábeis; lei nº 9.394/96, que exigia que existissem professores em tempo integral dedicados ao ensino e à pesquisa, além de titulação mínima de mestrado para pelo menos um terço do corpo docente de instituições de ensino superior; e atuação de professores doutores em outras áreas que não em Ciências Contábeis nos programas *Stricto Sensu* em Contabilidade (Peleias et al., 2007).

Os programas de pós-graduação *Stricto Sensu* têm a pesquisa como elemento definidor (Peleias et al., 2007), e essa contribui para a consolidação do conhecimento científico, cuja disseminação é feita por meio de publicações (Almeida, 2014). No entanto, na conjuntura em que há pressão por publicação, pouco amadurecimento do rigor científico, e até mesmo o princípio do *Publish or Perish*; há uma busca desenfreada na quantidade em detrimento da qualidade da pesquisa (Andrade, 2011; Martins, 2012; Costa & Martins, 2016). Esse fator não traz implicações positivas para a sociedade (Clemente et al., 2018), além de contribuir para a

morosidade da consolidação da Contabilidade enquanto ciência (Andrade, 2011; Martins, 2012; Costa & Martins, 2016).

### 2.3. QUALIDADE DAS PRÁTICAS DE PESQUISA

A pesquisa é uma ação consciente, é a prática de trabalhar de forma científica, resultando na ciência (Martensson et al., 2016). Enquanto a prática da pesquisa é bem definida, ainda não há padrões estabelecidos e amplamente reconhecidos para atestar a qualidade dessas práticas (Martensson et al., 2016).

Nesse sentido, alguns países tentaram definir a qualidade da pesquisa, entre eles, a Itália, com as diretrizes nacionais de referência para a avaliação da prática de pesquisa; a Suécia, com o *External Research Assessment*; o Canadá, com os critérios padrão de avaliação de qualidade para trabalhos de pesquisa; e os Estados Unidos, com critérios para avaliar pedidos de bolsas de pesquisa (Martensson et al., 2016).

Enquanto no Brasil não existe uma definição, alguns órgãos trabalham com direcionamentos. O CNPQ, por exemplo, tem ações preventivas como estímulo de disciplinas com conteúdo ético e de integridade de pesquisa oferecidas nos PPGs, além de incentivar a produção de material com esses conteúdos em língua portuguesa, e disponibilizar diretrizes orientadoras de boas práticas nas publicações científicas (CNPQ, 2011). Consoante, a FAPESP traz recomendações não somente para os pesquisadores, mas para as instituições (FAPESP, 2014). Já a ANPAD busca sinalizar boas práticas no processo editorial (ANPAD, 2017).

No entanto, esses esforços precisam ser reforçados, já que a academia contábil brasileira vem evidenciando diversas práticas de pesquisa que vão na contramão da qualidade, reflexos da falta de maturidade. Entre elas:

- Superficialidade, revisão de literatura desatualizada, falta de clássicos, confusão conceitual, afirmação equivocada, falta de clareza na explicação sobre a

seleção da amostra, sobre a técnica aplicada, e falta de transparência sobre o tratamento dos dados em estudos qualitativos (Almeida, 2014);

- Replicação de estudos americanos ou europeus sem o devido cuidado e/ou tradução para nossa cultura; preferência por dados secundários, que podem ser mais facilmente manipulados; utilização exagerada de métodos quantitativos; falta de teoria para embasar as conclusões; incongruências lógicas e estruturais; despreocupação com a confiabilidade e validade dos dados (Costa & Martins, 2016); e
- Problemas de pesquisa não-científicos, questões de pesquisa que podem ser respondidas com sim/não, trabalhos pautados em questão de valor ou com conteúdo ideológico (Theóphilo & Iudícibus, 2005).

Por fim, existem falhas institucionais que podem impactar a integridade da pesquisa, suportados em baixos níveis de aceitação de elementos relacionados ao rigor e à ética, médios níveis de aceitação para itens relativos à integridade e viabilidade. Além da falha no cumprimento da obrigação de submissão de projetos de pesquisa que envolvem seres humanos a um CEP – Comitê de Ética em Pesquisa (Oliveira & Martins, 2019).

Isso posto, nota-se a necessidade de avançar na discussão sobre a qualidade das práticas de pesquisa, já que existem diversos trabalhos que tratam parcialmente desse assunto. Uma das formas encontradas são as métricas, das quais a mais aceita é o Fator de Impacto, que desconsidera o conteúdo da pesquisa em si (Castiel & Sanz-Valero, 2007; Badua et al., 2011). Outra forma foi proposta por Demo (1995), que dividiu a qualidade em formal (domínio das técnicas de coleta; manuseio e uso de dados; capacidade de manipular bibliografia; versatilidade na discussão teórica; conhecimento de teorias) e política (trata da questão dos fins, dos conteúdos, da prática histórica). Essa visão trata tanto de aspectos diretos da pesquisa,

como de aspectos externos que influenciam diretamente, tais como o *feedback* e o processo de orientação (Adler & Liyanarachchi, 2015; Meurer et al., 2021).

Na área contábil, os pesquisadores começaram a discussão no início dos anos 2000, com debates focados em alguns aspectos de qualidade, tais como: o problema de pesquisa ser um indicador de robustez (Theóphilo & Iudícibus, 2005); a qualidade da pesquisa e sua íntima ligação com a contribuição, credibilidade científica e comunicação (Clarkson, 2012); problema e objetivos congruentes, tema contemporâneo e contribuições (Espejo et al., 2013); e o uso das questões de pesquisa como fator decisivo sobre os métodos que deverão ser usados (Martensson et al., 2016).

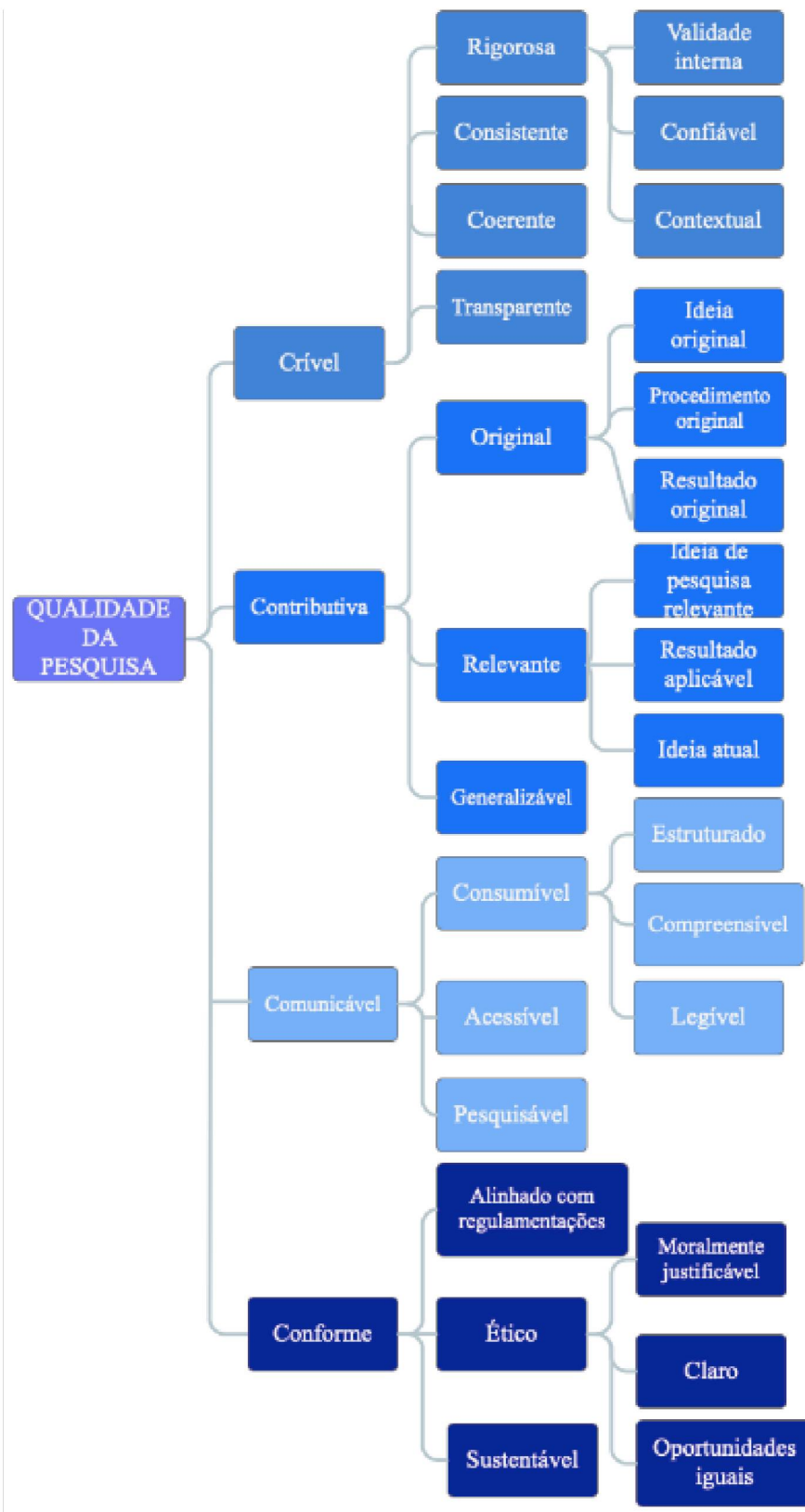
Ainda sobre a qualidade das práticas de pesquisa, Cao (2007) entende que a confiabilidade está diretamente ligada à triangulação e descrições robustas, permitindo que outros pesquisadores possam encontrar resultados semelhantes no mesmo contexto. Ainda, o uso da triangulação aumenta o rigor metodológico (Cárdenas et al., 2018), que é garantido por meio de cuidadosa conceituação, estrutura baseada na literatura e fundamentação em teorias (Wolf & Rosenberg, 2012).

Outros autores também tratam de conceitos como relevância, validade interna e externa, generalização, utilidade, inovação, conflito de interesse, verificabilidade, durabilidade e contribuição (Aguinis & Vandenberg, 2014; Abdalla et al., 2018; Brown & Ozgur, 2007; Dzwigol, 2021; Inhatola & Kihn, 2011).

De forma mais completa, Martensson et al. (2016) apresentam um *framework* que busca descrever o conteúdo basilar da qualidade da prática de pesquisa a partir de quatro áreas principais, a saber: credibilidade, contribuição, comunicação e conformidade. Essas áreas se expandem e resultam em 32 fatores, conforme evidenciado na Figura 1. O objetivo principal do trabalho de Martensson et al. (2016) foi criar uma hierarquia de conceitos multidisciplinares e fundamentais para os termos associados à qualidade da prática de pesquisa, em que esses

conceitos formam uma estrutura para identificar dimensões da qualidade da pesquisa. Esse *framework* foi criado a partir de *workshops* com especialistas, feito em duas fases (Martensson et al., 2016).

**Figura 1**  
*Framework* da qualidade da prática de pesquisa.



Fonte: Martensson et al. (2016), tradução livre.

Na estrutura de Martensson et al. (2016), o conceito crível diz respeito ao uso de um método adequado em relação a questão de pesquisa; o procedimento descrito é suficiente para que outros cheguem a mesma conclusão; o conhecimento usado e produzido é relevante para o contexto. O conceito contributiva trata da originalidade da pesquisa tanto em relação a ideia, quanto ao procedimento ou resultado; além da pesquisa ser relevante para o grupo-alvo e possuir resultado aplicável. O conceito comunicável está relacionado com a documentação da pesquisa, sua linguagem e acessibilidade ao público-alvo. Por último, o conceito conforme trata dos aspectos éticos e morais aos quais a pesquisa deve estar alinhada (Martensson et al, 2016).

### **3 ASPECTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA**

A pesquisa teve enfoque qualitativo, uma vez que buscou compreender a perspectiva dos participantes sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar-se em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados (Sampieri et al., 2013). No que tange a abordagem, configura-se em descritiva-exploratória, pois os estudos descritivos buscam especificar as propriedades e características de qualquer fenômeno que seja analisado; e os estudos exploratórios são realizados quando o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado (Sampieri et al., 2013).

#### **3.2 COLETA DE DADOS**

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada e em profundidade, *online*, baseada em um roteiro de perguntas (apêndice A), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – Ciências Humanas e Sociais/ UFPR, sob o número 6.042.712 (apêndice B).

Foi realizado o pré-teste com três professores vinculados a um PPG, com o foco em validar se o conteúdo da entrevista conseguiria cumprir com o objetivo do trabalho, além de possíveis melhorias. As entrevistas do pré-teste foram realizadas por meio da plataforma *Google Meet* com duração média de 35 minutos. Todos os professores entenderam que as perguntas atingiriam o objetivo, embora foram unânimes em sugerir que fosse disponibilizada uma definição da qualidade da prática de pesquisa antes de iniciar a entrevista. Essa sugestão foi direcionada para uma validação entre pares com os professores participantes da banca, em que se concluiu que a definição de qualidade da prática de pesquisa poderia delimitar a resposta dos entrevistados, indo contra a proposta indutiva da pesquisa, na qual os participantes deveriam trazer seu entendimento para a questão, independente da amplitude que pudesse ser gerada. Por isso a sugestão do pré-teste não foi acatada.

Para a condução da entrevista com os participantes deste estudo, iniciou-se com o envio de convite para participação da pesquisa em 07 de julho de 2023, para 467 professores dos 30 Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (PPG) brasileiros na área da Contabilidade. Os e-mails para envio do convite foram obtidos nos sites dos PPGs. No entanto, quando o e-mail do professor não estava disponível, o convite foi enviado para a coordenação e/ou secretaria do PPG para encaminhamento aos professores do programa.

Para melhor organização de agenda das entrevistas, no e-mail convite foi enviado um link (<https://csr-qpp.reservio.com/>) que, com o acesso, os professores poderiam agendar o horário para participação da pesquisa. No dia anterior ao informado no agendamento, o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) (Apêndice C) era enviado juntamente com o link de acesso à reunião, por meio da plataforma DocuSign, que permite assinatura digital.

Foram entrevistados dezoito professores permanentes de 12 programas de pós-graduação *Stricto Sensu* brasileiros, no período de 11 a 27 de julho de 2023. A saturação teórica ocorreu a partir do décimo sexto entrevistado. Contudo, como já estavam pré-agendadas as

entrevistas, procedeu-se as outras duas entrevistas faltantes, que não geraram dados adicionais ao escopo desta pesquisa que demandasse entrevistas adicionais, mantendo-se a saturação.

As entrevistas foram transcritas com o auxílio da plataforma ReShape, que disponibilizou uma prévia posteriormente revisada e corrigida pela pesquisadora. Nesse processo foi utilizado “[...]” para indicar textos antes e depois do trecho selecionado, e “(...)” para indicar supressão de palavra ou expressão que possa identificar o entrevistado.

### 3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise das entrevistas ocorreu utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo por meio do *software* Atlas.ti. A Análise de Conteúdo “consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens indicadoras (quantitativas ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2021, p.44).

Este trabalho utilizou abordagem indutiva, ou seja, sem códigos definidos, considerando os passos expostos por Bardin (2021), em três etapas para a investigação: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na primeira etapa foi realizada a leitura flutuante, a qual permitiu a primeira impressão do texto e ainda os norteadores para a análise posterior. Na sequência foi feita a escolha dos documentos para compor o *corpus*, definida a priori como todas as transcrições das entrevistas realizadas. A segunda etapa correspondeu a exploração do material, com a leitura atenta e codificação. Nesse caso, a escolha das unidades de recorte foi o tema e a enumeração foi por frequência e presença/ausência. Por último, foi realizada a categorização por meio do sistema de inventário, seguido da classificação no processo de acervo, cujo agrupamento ocorre sem um sistema de categorias previamente fornecido. Dessa forma foi gerado um *codebook* (apêndice D) com 77

códigos e 07 categorias. Esse processo foi revisado buscando garantir a saturação das categorias.

Já a triangulação dos dados ocorreu buscando contrastar ou corroborar um fato a partir da fala de mais de um entrevistado e, sempre que possível, apoio na literatura. O objetivo foi diminuir tendências ou preferências pessoais e aumentar a confiabilidade e validade dos dados. A triangulação significa olhar para um fenômeno por meio de mais de uma fonte de dados, já que informações vindas de diferentes ângulos podem ser usadas para confirmar, iluminar e desenvolver o problema de pesquisa, limitando vieses (Abdalla et al., 2018). Nesse sentido, os códigos não trianguláveis constam no *codebook*, mas não foram considerados para análise nesse trabalho.

#### 3.4 MATRIZ DE AMARRAÇÃO METODOLÓGICA

A matriz de amarração é uma ferramenta composta por uma estrutura matricial, comparando as decisões e definições de pesquisa; proposta por Mazzon em sua tese de doutorado em 1981 (Telles, 2001). Essa ferramenta fornece uma abordagem sistêmica para o exame da qualidade de pesquisa, entendida como a adequação entre o modelo adotado, objetivos a serem atingidos, questões ou hipóteses formuladas e o tratamento dos dados (Telles, 2001).

A matriz de amarração metodológica permite ao pesquisador refletir criticamente se todas as pontas de sua pesquisa estão amarradas (Mazzon, 2018). Nesse sentido, esse trabalho apresenta sua matriz de amarração metodológica na Tabela 1.

**Tabela 1**

Matriz de amarração metodológica

Problema/ Pergunta de pesquisa	Objetivos da pesquisa	Protocolo da entrevista			Análise
		Pergunta	Relação com a abordagem teórica	Conteúdo de resposta esperado	Análise de conteúdo
Como está construída socialmente a qualidade das práticas de pesquisa no campo científico contábil brasileiro?	Verificar quais as práticas de pesquisa produzidas pelos atores da academia contábil brasileira refletem qualidade; compreender como a qualidade da prática de pesquisa na academia contábil brasileira está construída.	O que você entende como qualidade da prática de pesquisa?	Externalização (Berger & Luckmann, 2014)	Definição de QPP	Códigos: indutivo;  Unidade de registro: tema;  Enumeração: frequência e presença/ ausência.
		Quais são as práticas de pesquisa que você utiliza e que refletem a qualidade?	Habitualização (Berger & Luckmann, 2014)	As mesmas práticas da definição	
		Como você aprendeu essas práticas?	Externalização/ Objetivação - Tipificação (Berger & Luckmann, 2014)	Mecanismos de aprendizado e transmissão de conhecimento	
		Como você passa esses conceitos para seus orientandos e alunos?	Objetivação - Institucionalização/ Legitimação (Berger & Luckmann, 2014)		
		Quais práticas você entende que estão mais fortemente presentes na academia contábil brasileira?	Internalização – Socialização secundária (Berger & Luckmann, 2014)	Práticas dentro ou fora da definição de QPP	
		Como você entende que essas práticas são mantidas?	Internalização – Socialização secundária (Berger & Luckmann, 2014)	Mecanismo de manutenção do conhecimento	
		Existe alguma prática que você entende que deveria ser fortalecida na academia contábil brasileira, em prol de sua consolidação enquanto ciência?	Legitimação (Berger & Luckmann, 2014)	As mesmas práticas do uso	

Fonte: elaborado pela autora (2023), baseado em Bardin (2021); Berger &amp; Luckmann (2014); Mazzon (1981).

## 4 DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 DADOS DEMOGRÁFICOS

Para traçar um perfil da amostra, foram analisadas cinco categorias, dispostas na

Tabela 2:

**Tabela 2**  
Perfil dos entrevistados

	<b>Gênero</b>	<b>Instituição</b>	<b>Estado</b>	<b>Linha de Pesquisa</b>	<b>Tempo na pesquisa</b>	<b>Duração (h:m:s)</b>
<b>Perfil dos dezoito entrevistados</b>	Feminino	FURG	Rio Grande do Sul	Educação	06 anos	00:20:46
	Feminino	UFRGS	Rio Grande do Sul	Gerencial	02 anos	00:25:54
	Feminino	UFRGS	Rio Grande do Sul	Gerencial	03 anos	01:20:40
	Feminino	UFPR	Paraná	Gerencial	07 anos	00:32:07
	Feminino	UFRPE	Pernambuco	Gerencial	08 anos	00:54:10
	Feminino	FURB	Santa Catarina	Gerencial	09 anos	00:35:18
	Feminino	UEM	Paraná	Gerencial	09 anos	00:27:45
	Masculino	UEM	Paraná	Educação	01 anos	01:15:00
	Masculino	UFBA	Bahia	Educação	06 anos	00:15:10
	Masculino	FURG	Rio Grande do Sul	Educação	06 anos	00:39:11
	Masculino	UFRGS	Rio Grande do Sul	Educação	07 anos	00:29:23
	Masculino	UFPR	Paraná	Finanças	02 anos	00:39:25
	Masculino	UFES	Espírito Santo	Finanças	05 anos	01:21:02
	Masculino	FUCAPE	Espírito Santo	Finanças	05 anos	01:04:46
	Masculino	UFSC	Santa Catarina	Gerencial	03 anos	00:29:44
	Masculino	USP	São Paulo	Gerencial	03 anos	00:33:13
	Masculino	UFSM	Rio Grande do Sul	Gerencial	05 anos	00:29:21
	Masculino	USP	São Paulo	Gerencial	14 anos	00:30:59

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023).

Nota: as entrevistas foram codificadas de E1 a E18 e não correspondem à ordem apresentada na tabela 2.

A primeira delas foi a localização da instituição do participante. Entre os estados temos: Bahia, Espírito Santo, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, totalizando 68% dos participantes no Sul, 22% no Nordeste, e 11% no Sudeste. Quanto ao gênero, 11 são homens e 7 mulheres. Em relação a formação, 78% são graduados em Ciências Contábeis, 50% possuem mestrado na mesma área, e 50% possuem o doutorado em Ciências Contábeis. Do total, menos da metade da amostra

(39%) tem formação completa em Contabilidade, indicando diversidade de *background* no corpo docente dos PPGs da área. No que tange as linhas de pesquisa, 10 entrevistados são da linha gerencial, 05 da linha de educação, e 03 da linha de finanças. Essa classificação foi feita a partir de confirmação e indicação feita na entrevista, já que alguns pesquisadores atuam em mais de uma linha. Por último, o tempo na pesquisa foi contado a partir da entrada do pesquisador no PPG enquanto professor, devido à constância e obrigatoriedade de conviver com a pesquisa. Dessa forma, foram divididos em três grupos: menos de 05 anos (33%), 05 a 08 anos (50%), 09 a 14 anos (17%), em que o pesquisador com o menor tempo de pesquisa é de 01 ano, e com maior tempo de pesquisa é de 14 anos.

## 4.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

De acordo com Berger & Luckmann (2014), o homem constrói a realidade social e ao mesmo tempo é influenciado por ela. Neste trabalho, a construção social da realidade da qualidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira foi analisada mediante os elementos da qualidade das práticas de pesquisa, e por meio dos mecanismos de construção, transmissão e manutenção desses elementos.

### 4.2.1 ELEMENTOS DA QUALIDADE DAS PRÁTICAS DE PESQUISA

Das diversas realidades coexistentes, a realidade da vida cotidiana atua no homem com maior intensidade (Berger & Luckmann, 2014). Ela se inicia na externalização, que nos ajuda a ser inseridos na realidade constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos anteriormente a chegada dos indivíduos (Berger & Luckmann, 2014). Nesse sentido, o questionamento sobre o que os entrevistados entendem por qualidade da prática de pesquisa está relacionado com o conceito da externalização. As descrições dos códigos referentes às respostas para essa pergunta se encontram na Tabela 3.

**Tabela 3**

Descrição dos códigos – Qualidade da Prática de Pesquisa

<b>Código</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categoria</b>
Embasamento teórico	Pesquisa que usa de teoria ou evidência	Qualidade da prática de pesquisa
Ética	Comitê de ética, aspectos éticos da pesquisa	Qualidade da prática de pesquisa
Formação de pesquisadores	Formação de pesquisadores	Qualidade da prática de pesquisa
Grupo de pesquisa	Participação em grupo de pesquisa com o objetivo de socializar conhecimento direto ou indireto	Socialização
Lacuna/ Problema de pesquisa	Assunto ainda não abordado por determinada ótica, problema ainda não resolvido	Qualidade da prática de pesquisa
Qualis	Avaliação do artigo publicado pela métrica da CAPES	Qualidade da prática de pesquisa
Resultado prático	O resultado da pesquisa precisa impactar a sociedade; artigo tecnológico; deve oferecer uma utilidade prática	Sociedade
Revisão de literatura	Revisão sistemática, cobertura dos trabalhos seminais e recém-lançados	Qualidade da prática de pesquisa
Rigor	Aplicação de método adequado com o problema de pesquisa, que permitirá respondê-la de forma correta; método aplicado com precisão	Qualidade da prática de pesquisa
Tempo	Maturidade da pesquisa, período necessário para a realização da pesquisa	Qualidade da prática de pesquisa

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023).

Invariavelmente, todos os respondentes se depararam com certa dificuldade em formular uma resposta sem resultar em construções ou posicionamentos.

Para E11, existe a necessidade de diferenciar os papéis: “Bom, primeiro, eu não posso te responder isso sem me colocar no meu lugar de pesquisadora e formadora de pesquisadores, tá? Eu acho que são duas coisas diferentes”. De forma complementar, E17 ponderou que “[...] isso é uma pergunta difícil de responder, né? Porque depende bastante da concepção epistemológica do pesquisador”, enquanto E10 entende que não é possível dar uma única definição:

Qualidade da prática da pesquisa... Eu acho que alguns elementos (...). Não dá para dizer o que é qualidade, tentar sintetizar numa... Num conceito, numa sentença (...). Mas eu acho que são vários elementos (...) que permitem que a gente perceba (...) ou coloque qualidade no trabalho de pesquisa. (E10)

De forma resumida, E12 enfatizou: “[...] Enfim, a gente está tentando aprender o que é qualidade”. Nesse sentido, uma das formas de ver a qualidade são as métricas de citação, mesmo que sejam apenas medidas substitutas (Badua, Previts & Vasarhelyi, 2011). Essa reflexão apareceu na fala de E4, que relacionou as métricas com a qualidade da prática de pesquisa da seguinte forma:

Essa é uma pergunta difícil (...) porque a qualidade é algo bem complexo (...), mas a gente acaba meio que sendo condicionado aos indicadores mesmo, a gente está sendo avaliado enquanto programa. Então a ideia de qualidade vem em ter um produto que depois ele possa ser publicado em um bom periódico para ser avaliado depois pela CAPES. (E4)

Ou seja, o foco da métrica é o periódico no qual a pesquisa será publicada. Por isso, Badua, Previts e Vasarhelyi (2011) enfatizaram que, mesmo que as métricas sejam amplamente utilizadas, não são consideradas medidas de qualidade propriamente ditas pois não levam em consideração o conteúdo da pesquisa em si. Dessa forma, não devem ser consideradas como a única medida de qualidade. Nessa perspectiva, E12 comenta:

[...] na minha opinião, sim, uma forma de medir qualidade é olhar o Qualis, o fator de impacto do local onde o trabalho foi publicado. Mas acho que não é só isso, acho que a gente precisa ir um pouco além. (E12)

Percebe-se que o uso de métricas é um elemento que denota a qualidade da prática da pesquisa, mas também mostra que deve haver outros elementos. Nesse sentido, os respondentes enfatizaram atributos que denotam a qualidade da prática de pesquisa. O atributo “rigor” foi frequentemente apontado entre os respondentes, como E7: “[...] aí eu acho que outro aspecto que está dentro da abordagem metodológica e construção de um artigo, que são as validades. Então validade interna, validade externa, confiabilidade”. Os aspectos apontados nessa fala condizem com o que foi proposto por Martensson et al. (2016), que define uma pesquisa rigorosa como uma pesquisa contextual, internamente válida e confiável.

Outra forma de ver o atributo “rigor” em termos da qualidade da prática da pesquisa foi elucidada por E17:

Então para mim que sou positivista e funcionalista, uma boa pesquisa precisa, inerentemente, utilizar métodos rigorosos. Rigorosos não significa complexos. Mas a boa aplicação de uma técnica que possibilite responder ao problema adequadamente (...) e de forma coerente. É uma pesquisa que vai utilizar do método para responder a um problema que será analisado à luz de uma teoria ou evidências adequadamente apresentadas. (E17)

Portanto, diferentemente de E7 que percebe o rigor como um atributo que se subdivide em validade e confiabilidade no que tange o aspecto metodológico, E17 apresentou esse atributo para além dos métodos rigorosos, incorporando todo o corpo da pesquisa. Essa perspectiva foi relatada por Wolf e Rosenberg (2012) ao considerar que, para garantir o rigor, os estudos devem ser cuidadosamente conceituados, o processo de pesquisa deve ser bem estruturado, considerando a literatura existente, e devem ser fundamentos em teorias.

Ainda no sentido de englobar todo o corpo da pesquisa, outro atributo apontado foi a ética. Para E14: “A questão do cuidado, da preparação da pesquisa, a fase que você está realmente fazendo um projeto, um diagnóstico, montando um protocolo de pesquisa, (...) os aspectos éticos né?”. A argumentação foi reforçada ainda por E6:

Então, qualidade da prática eu penso que está relacionada à ética, está relacionado à validação dos instrumentos que você vai utilizar (...). Ética engloba tudo (...), mas desse momento de coleta de dados (...) e da neutralidade do pesquisador (...), e o preparo desse pesquisador para estar analisando também esses resultados (...) coletados, esses dados. (E6)

Oliveira & Martins (2019) verificaram que tanto o rigor quanto a ética não foram fortemente percebidos como importantes para sua amostra. Porém, E14 enfatizou a necessidade da ética desde o início da preparação da pesquisa e, principalmente, em um protocolo:

[...] porque a qualidade começa na questão de pesquisa, começa na preparação do método, do protocolo de pesquisa, dos aspectos éticos, na profundidade que você tem de literatura, de conhecimento teórico, de base teórica, conhecimento prévio, na qualidade que você

consegue depurar, analisar seus dados, que você consegue interpretá-lo, cruzá-lo com a teoria (...), de você abstrair conclusões (...). (E14).

Sobre as práticas que devem ser realizadas antes do início da pesquisa, E9 disse: “Bom, a qualidade da prática de pesquisa... Eu trabalho num viés [um] pouco relacionado em que a pesquisa, para mim, é um plano de trabalho. O plano de trabalho parte de um problema”. Essa perspectiva direciona para a visão de Theóphilo e Iudícibus (2005), que defendem que o problema enquanto elemento da qualidade é um indicador de robustez da pesquisa, devendo ser definido de forma criteriosa.

A revisão de literatura e o embasamento teórico também aparecem como elementos da qualidade. Segundo E9 “[...] o principal estágio, inicialmente, é entender o atual cenário desse problema a partir de uma perspectiva de revisão sistemática [de literatura]”. E17 reforçou: “[...] para mim, a boa pesquisa precisa disso. Precisa dessa conexão teoria, evidência e método. E a explicação dos porquês”. Nesse sentido, há uma contradição com um dos resultados de Costa & Martins (2016) que, ao analisar 43 artigos da Revista Contabilidade & Finanças dos anos de 2014 e 2015, encontraram falta de teorias para embasar as conclusões, ou seja, o embasamento teórico não foi percebido como importante pelos autores destes artigos. No entanto, E7 afirmou: “Sem uma lógica teórica, sem referencial (...) não se caracteriza como uma pesquisa científica de qualidade”.

Outro ponto comumente encontrado na literatura é o resultado, enquanto aplicação prática e finalidade (Dzwigol, 2021). Para E5: “Então, muitas vezes eu sei que eu estou fazendo alguma produção científica que não vai publicar com impacto, mas ela vai gerar produto, que é algo que eu prezo bastante. Eu gosto de gerar produto [resultado não teórico] com pesquisa”. De forma similar E12 entende que “[...] a gente precisa ter um

trabalho que contribua de alguma forma para a sociedade também, né? (...) que traga algum resultado”.

Compreende-se que os elementos até aqui apresentados nesta análise das entrevistas, relacionados a rigor, ética, protocolo metodológico, revisão de literatura, embasamento teórico, lacuna/problema, pesquisa estruturada e resultado prático se referem especificamente a atributos da pesquisa em si; além do Qualis, que se refere a avaliação do periódico no qual a pesquisa foi publicada. Ainda, foram sinalizados outros elementos aqui nomeados como fatores suplementares por não serem ligados diretamente às métricas ou à pesquisa, mas que influenciam o processo de construir a pesquisa, complementando sua qualidade. O primeiro fator suplementar identificado foi o tempo. Para E5: “[...] um complemento que eu gostaria de fazer em relação a isso [definição da qualidade da prática de pesquisa] é que leva tempo. Não tem como. [Pesquisa] não é na velocidade do resto do mundo”. E10 concordou e destacou: “[...] talvez o principal hoje em dia (...) é tempo. Eu acho que a pesquisa... Ela precisa de tempo, né?”

Outro fator suplementar é a formação de pesquisadores. Nessa direção, Oliveira & Martins (2019) entendem que conhecer a qualidade pode ajudar a melhorar o processo de formação de novos pesquisadores. Nesse sentido, E3 relatou:

[...] eu entendo a qualidade da prática de pesquisa sobre duas dimensões. A primeira dimensão é o resultado que a pesquisa contribui em termos de ganho de conhecimento, de avanço de conhecimento. E a segunda dimensão, eu entendo como formação de pesquisadores, né? (E3).

Ainda, E11 sinalizou que, enquanto professora, tem o papel não só de ensinar a disciplina proposta, mas de formar futuros pesquisadores:

Quando eu estou em sala de aula com alunos do mestrado ou alunos do doutorado, o meu papel enquanto desenvolvedora de pesquisa é um papel de tutora, eu diria assim, né? Acho que nem é tutora a palavra adequada, mas eu tenho um papel ali de preparar e de transformar aquelas pessoas que chegam a mim, transformá-los em futuros pesquisadores. (E11)

Por último, o grupo de pesquisa foi apontado como qualidade da prática de pesquisa, pois é entendido como um fator que acrescenta outras visões para a pesquisa.

Segundo E5:

Eu acho que a qualidade da prática, [...] é muito consistência em processo e grupo. Eu acho que não tem nada de qualidade de prática sem outros professores e outros alunos. Não existe. Não dá para fazer nada sozinha. O que a gente faz sozinho não fica bom, porque a nossa visão é muito limitada. Então, eu acho importante ter um grupo fortalecido. E, se puder botar mais um fator aí, eu colocaria também um grupo muito diverso entre si. (E5)

De forma geral, o entendimento dos entrevistados sobre a qualidade da prática de pesquisa passa por métricas, atributos e fatores suplementares que conversam entre si, a exemplo dos trechos que seguem da fala de E2:

Qualidade da prática de pesquisa (...) ? Eu penso que isso pode ser captado, capturado, seja pelo processo, seja pelo produto, tá? E aí, em termos de processo, o que eu vejo no aspecto de qualidade da prática de pesquisa é o passo a passo mesmo (...) desse processo. Ou seja, o estudante, o pesquisador, (...) desenvolver uma pesquisa prévia, em termos de revisão de literatura, de leitura de artigos (...) que sejam relevantes e de referência para o tema que ele vai desenvolver, para a partir daí identificar (...) uma questão de pesquisa, uma lacuna de pesquisa e o planejamento... (...) A própria argumentação em torno dessa questão de pesquisa que vai ser identificada (...) ou a problematização que vai ter que se considerar também, além dessa revisão de literatura, também a utilidade prática. [...] eventualmente, é relevante... Se for para alguém, para quem seria (...) ? Organizações, investidores, (...) qualquer que seja esse grupo de interesse, para além da academia. E daí o planejamento mesmo, em termos do desenho da pesquisa, de definição da estratégia de pesquisa que vai ser adotada, qualitativa, quantitativa. Embora isso, muitas vezes, ocorra simultaneamente, ou até alguns pesquisadores já têm suas preferências e já sabem que vai ser uma pesquisa quantitativa, qualitativa. Mas então isso precisa ser planejado, o detalhamento, o protocolo de execução, propriamente, dessa pesquisa. (...) se é um *survey*, por exemplo, quem serão os participantes, como que esses participantes vão ser [...] alcançados (...) contactados, quais vão ser os instrumentos que vão ser utilizados para mensurar as principais variáveis... (...) cada método, cada estratégia de pesquisa, mesmo qualitativa... (...) seja qualitativa, seja quantitativa, tem um protocolo próprio, e a qualidade, em termos do processo, passa pelo atendimento a esse protocolo (...) durante o planejamento e, conseqüentemente, também durante a execução. E a parte de análise é algo também bastante relevante (...). Você identificar as ferramentas que são mais adequadas para aquela estratégia que você está utilizando. (...) Se é um estudo qualitativo, determinadas ferramentas vão ser mais adequadas; se é um quantitativo, vão ser outros. E mesmo dentro de cada um você tem uma variedade de ferramentas (...) que são mais adequadas. [...] Você pode usar uma análise de regressão, você pode usar uma análise de variância, você pode usar ferramentas mais sofisticadas, como (...) dados em painel, séries temporais... [...] você identificar quais as ferramentas de análise e aonde (...) conduzir também essas análises. Se vai usar um software como Stata, como R, SPSS (...), ou aqueles que sejam correspondentes em análise qualitativa. (...) também um aspecto importante [é a maneira] que você use as ferramentas que sejam adequadas para aquela estratégia de pesquisa que você (...) selecionou para ser capaz de responder àquela questão

de pesquisa. E a parte de redação final, (...) a redação final é também muito importante. A forma que você apresenta [...] toda a história (...) que você vai contar em torno da pesquisa que você conduziu. (...) isso é bastante importante e isso é válido tanto se você está escrevendo em português ou se você está escrevendo em inglês(...). Essa questão de haver uma clareza, de haver uma concisão, de haver um encadeamento lógico das ideias que você vai desenvolvendo ao longo da pesquisa... Tudo isso é parte(...) dessa redação final [...]. (E2)

Compreende-se que E2 fez um encadeamento de diversos atributos que denotam a qualidade da prática de pesquisa. Em consonância com o que foi evidenciado por alguns dos entrevistados, verifica-se “revisão de literatura”, “lacuna/ problema de pesquisa”, “resultado prático”, e “protocolo metodológico”.

Ainda, E2 complementou com um fator suplementar:

Se você quiser, ainda pode considerar que esse trabalho vai ser apresentado. [...] eu acho que é parte do processo e que contribui para a qualidade dessa... Da pesquisa, da prática de pesquisa, você tem a oportunidade, buscar essas oportunidades de apresentação de versões preliminares do seu trabalho em diferentes fóruns. [...] quer dizer você tem, enquanto pesquisador de mestrado ou doutorado, você tem a qualificação e a defesa final [mas] independente disso, mesmo um pesquisador que já tenha passado por essas etapas (...) participar de eventos científicos, participar de workshops, [de] toda e qualquer oportunidade que exista para que você receba feedback de diferentes grupos que estejam relacionados com a pesquisa que você desenvolve... Entendo que seja de grande importância para contribuir com essa qualidade do processo e você, com isso, amadurecer o trabalho e chegar numa versão que tenha melhores chances de se alcançar a qualidade em termos do produto. (E2)

Para o entrevistado, a chance de ter o trabalho socializado das mais diversas formas ajuda no amadurecimento da pesquisa, para um melhor resultado.

E partindo desse ponto, E2 pontuou o uso de métricas como qualidade da prática da pesquisa:

(...) e aí, essa qualidade do produto, de uma maneira objetiva [mas não significa que] não tenha suas críticas... Mas a principal maneira de olhar para isso é a publicação final, (...) aonde que o artigo foi aceito, em que tipo de periódico. Então, a qualidade do produto, ela passa pela qualidade do próprio periódico em que o produto é aprovado (...), tendo uma suposição implícita ou explícita de que se você publica num periódico que é classificado lá no Qualis da CAPES como uma A1, isso indica que aquele artigo tem melhor qualidade. Então é assim que eu vejo em termos de qualidade do produto. (E2)

Em resumo, ao se analisar a perspectiva sobre a qualidade da prática de pesquisa, os entrevistados hesitaram em definir de forma imediata, sem alguma reflexão ou

decomposição do termo. Essa hesitação pode ser explicada pela externalização, que é a produção humana em andamento (Berger & Luckmann, 2014), ou seja, é possível que a qualidade da prática de pesquisa não seja simples de definir (Brown & Ozgur, 2007) porque está sendo constantemente construída. Nesse sentido, os respondentes direcionaram suas compreensões abrangendo atributos de pesquisa, tais como rigor, ética, protocolo metodológico, entre outros; métricas, tal como o Qualis; fatores suplementares, tais como formação de pesquisadores, tempo e grupo de pesquisa. Essas colocações permitiram à presente pesquisa o direcionamento de uma proposta para definição de qualidade da prática de pesquisa, apresentada na Tabela 4.

**Tabela 4**  
Proposta de definição da Qualidade da prática de pesquisa

	<b>Elemento</b>	<b>Exemplo</b>
Qualidade da prática de pesquisa (QPP)	Atributos da pesquisa	Rigor (8), ética (5), protocolo metodológico (4); revisão de literatura (4); embasamento teórico (4); lacuna/ problema (3); pesquisa estruturada (3); resultado prático (3).
	Métricas	Qualis (3); Fator de Impacto; outros.
	Fatores suplementares	Formação de pesquisadores (4); tempo (4); grupo de pesquisa (3).

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

Em comparação com o *framework* de Martensson et al (2016), alguns conceitos conversam entre si, como o rigor; a ética; o protocolo metodológico; a pesquisa estruturada e o resultado prático. Porém, o contraste fica evidente quando, no modelo proposto nesse trabalho, não há nenhum conceito relacionado ao atributo comunicável e, em contrapartida, aparecem as métricas e os fatores suplementares. Nesse sentido, nota-se a necessidade de levar em consideração a realidade da área de estudo e país ao utilizar um modelo genérico de qualidade da prática de pesquisa.

Salienta-se que a proposta apresentada na Tabela 4 ainda demanda debates e revisões adicionais de modo que, eventualmente, seja inserida na construção social da realidade da academia contábil brasileira.

Em seguida, para compreender o processo de habitualização em termos da qualidade da prática de pesquisa, ou seja, quando a ação se torna um hábito (Berger & Luckmann, 2014) os participantes foram questionados sobre quais práticas utilizavam. As descrições dos códigos referentes às respostas para essa pergunta se encontram na Tabela 5.

**Tabela 5**  
Descrição dos códigos – Uso

<b>Código</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categoria</b>
Feedback	Discussão com os pares do trabalho finalizado, seja em periódicos ou em congressos	Socialização
Inovador	Pesquisa com temática ou abordagem nova	Qualidade da prática de pesquisa
IP – Processo	Interagir entre pares com o objetivo de socializar conhecimento direto	Socialização
Pesquisa estruturada	Objetivo definido, objetivo alinhado ao problema, problema definindo o método	Qualidade da prática de pesquisa
Protocolo metodológico	Passo-a-passo da aplicação do método	Qualidade da prática de pesquisa
Relevância	Apelo, visibilidade, importância em determinado período de tempo	Qualidade da prática de pesquisa

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

Nessa perspectiva, o rigor voltou a ser destaque entre os entrevistados. Para E4:

Basicamente um bom artigo depende de uma boa questão de pesquisa, né? A gente tenta sempre definir algo que traga... [que] ataque alguma lacuna de estudo, que tenha relevância acadêmica e social; e quando a gente consegue abrir isso num artigo que tenha rigor, na parte metodológica, entende teve uma boa pesquisa, né? (E4)

No entanto, o rigor não foi declarado pelos entrevistados com mais tempo na pesquisa (09 a 14 anos). Após um exame minucioso na entrevista desses pesquisadores, foi identificado o uso do rigor embutido em diversas etapas. Nesse sentido, E1 exemplificou como aplica rigor metodológico em suas pesquisas:

Uma boa prática que a gente adota é, por exemplo, quando a gente vai, nas nossas pesquisas, falar sobre o critério de saturação teórica; que é um elemento que está dentro

da análise de conteúdo (...) e que seria meio que o nosso ponto de parada (...) ou ponto de suficiência para a coleta de dados..., mas conseguir dar evidências mais concretas para o nosso avaliador de como nós atingimos o ponto de saturação teórica. (E1)

O entrevistado trouxe ainda a conversa entre o rigor e o protocolo de pesquisa:

Então, quando a gente vai lá e consegue ter essa conversa sobre como nós damos evidências da saturação dos códigos, nos coloca num patamar de diálogo que (...) o avaliador sabe que nós passamos por muitas etapas [...] para chegar ali. (E1)

De forma semelhante, E13 usou um protocolo desenvolvido por ela, para um tipo de pesquisa específico e pouco disseminado “[...] eu tenho, inclusive, um artigo que eu publiquei mostrando qual é o protocolo de pesquisa (...)”.

Ligado ao protocolo, a pesquisa também deve estar estruturada, de tal forma que seu problema e objetivos estejam congruentes (Espejo et al., 2013), conforme enfatizou E3: “Primeiro, se o seu texto é consistente, se você consegue argumentar bem a relevância do seu problema, se os objetivos estão alinhados com os seus problemas [...]”.

Além do objetivo, a estrutura também parte do tema, definição do problema, o qual deve levar à decisão sobre qual desenho de pesquisa e métodos devem ser usados (Martensson et al., 2016). Para E18, “se (...) não seguir os passos mínimos que são necessários, como definição clara do tema, objetivo, referencial teórico, e o desenho metodológico, obviamente ele [o trabalho] não vai ter essa mesma robustez”.

Falando de pontos de partida da pesquisa, os entrevistados também falaram sobre o problema ou lacuna de pesquisa. Porém, essa fala não veio de pesquisadores pertencentes à linha de finanças que, por estarem em menor número (03), não se torna alarmante, mas sim um ponto de atenção. E4, da linha de educação, defendeu que “Basicamente um bom artigo depende de uma boa questão de pesquisa, né? A gente tenta sempre definir algo que traga... [que] ataque alguma lacuna de estudo [...]”. De forma complementar, E3 afirmou:

Então a gente parte sempre de um problema. Esse problema precisa ter duas verificações, que é o mundo real e o mundo acadêmico. Eu preciso ter consistência no mundo acadêmico de pessoas que tratam isso e também preciso verificar se esse problema é real na prática, né? (E3)

Para embasar essa consistência acadêmica, os entrevistados pertencentes à linha gerencial endereçaram a revisão de literatura. E9 declarou que “A seleção do artigo é importante a partir de uma revisão sistemática que eu encontre quais são os pesquisadores, quem pesquisa sobre aquele assunto e, a partir deles, é possível mapear o que está acontecendo sobre o principal tema”. Sua visão foi reforçada por E2:

A primeira coisa é uma leitura mesmo de identificar dois, três artigos que eu perceba que são fundamentais, que vão ser o alicerce (...) para aquilo que eu vou desenvolver. E aí entender de que maneira que a minha proposta se diferencia e avança em relação a esses dois, três artigos fundamentais. (E2)

Para alguns entrevistados, o avanço da proposta de pesquisa deve ter relevância, ou seja, um tema contemporâneo que é relevante para o grupo-alvo (Espejo et al., 2013; Martensson et al., 2016). Nesse sentido, E7 conectou: “[levo em consideração] o potencial de inovação, a relevância e a definição crítica da lacuna de pesquisa”. Ainda pensando na junção entre relevância e inovação, E15 advogou: “Eu preciso bater o olho no *paper* e determinar se ele tem algum grau de relevância, né?”

A relevância e a inovação foram destacadas apenas por homens e, inclusive, atacados por E6 (mulher):

[...] Por mais que as coisas mudem, eles não aceitam que o estudo seja (...) replicado mais de uma vez, [...] aí já perde o interesse. [...] Enquanto o conhecimento, ele se consolida por isso, por ser replicado e testado e retestado [...]. (E6)

Do ponto de vista dos fatores suplementares, novamente o tempo apareceu como um fator chave entre os pesquisadores quando da qualidade das práticas de pesquisa por eles utilizadas. Em tom de crítica, E17 comentou: “Na minha concepção, não há a menor possibilidade de se produzir um artigo com alguma qualidade para se discutir em quatro

meses”. Essa fala é dirigida ao processo de produzir um artigo ao final de uma disciplina da pós-graduação. Reforçando esse entendimento, E14 disse:

É uma questão social mesmo, de que a pesquisa passa por etapas de validação, por etapas de construção, por etapas de aprimoramento, né? Essas etapas não são (...) rápidas, por mais que a gente corra contra o tempo, elas não são rápidas. (E14)

Outro fator apontado foi a discussão com os pares na forma de *feedbacks*. Para Adler & Liyanarachchi (2015), essa é uma forma de oferecer conselhos aos autores sobre como melhorar seu trabalho. Segundo E1, “mas tem muitas coisas que a gente acaba pegando pelo calejo [...], por receber muita negativa de periódico ou por participar de bastante congresso[...]”. Em complemento, E7 destacou:

Mas acho que tem outras questões [...] ou procedimentos que a gente pode adotar para aprimorar a qualidade. (...) submeter o artigo para congressos, (...) recepcionar críticas, sugestões. Apresentar esse artigo em fóruns, em disciplinas. Enviar esse artigo para outros pesquisadores da área, [que] é chamado *Friendly Review*, em que você encaminha para o outro pesquisador fazer comentários específicos para a sua pesquisa. (E7)

Nesse caminho, ainda há a interação com pares no tocante ao processo da pesquisa, funcionando como uma rede de apoio, conforme E16: “Se eu não sei aquele método, eu vou fazer parceria com alguém que possa contribuir para eu chegar a um resultado interessante”. Em consoante, E14 abrangeu a interação para além do método:

Eu tenho tido como prática a socialização mesmo, da discussão do problema de pesquisa, da discussão do método, da discussão dos resultados, vamos dizer assim, né? Eu discuto os resultados com quem elabora comigo, quem participa comigo na pesquisa [...]. (E14)

É interessante notar que essa interação com pares relativa ao processo de pesquisa não consta na definição da qualidade das práticas de pesquisa apontada pelos respondentes, assim como o *feedback* e a relevância. Porém, o uso dessas práticas de forma consciente e intencional faz com que passemos a admiti-las como parte intrínseca de nós mesmos (Berger & Luckmann, 2014; Carvalho, 2017). É provável que esses três elementos tenham sido incorporados em suas práticas ao derivar de outras. Por exemplo,

a revisão de literatura e lacuna de pesquisa podem direcionar para um trabalho que tenha apelo, por ser um problema ainda não resolvido, de acordo com a literatura que cobre dos clássicos aos recém-publicados. Já o *feedback* e a interação com pares, relativo ao processo de pesquisa, podem estar ligados ao grupo de pesquisa.

Na sequência, questionou-se sobre quais práticas de pesquisa, que denotam qualidade, devem ser fortalecidas em prol de consolidar a Contabilidade enquanto ciência. As descrições dos códigos referentes às respostas para essa pergunta se encontram na Tabela 6.

**Tabela 6**  
Descrição dos códigos – Fortalecer

<b>Códigos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categorias</b>
Apego à tradição de pesquisa	Pesquisa homogênea, dentro da caixa, paradigma quantitativo	Pontos negativos
Formação sólida	Formação sólida de pesquisadores; aprendizado intenso das melhores práticas	Direções
IP – Pesquisador	Interagir entre pares com o objetivo de socializar conhecimento indireto	Socialização
Manter atualizado	Acompanhar publicações e outras novidades da área	Aprendizado

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

Essa pergunta vem sob o olhar da legitimação, na qual a sedimentação ocorre. Então um ponto negativo ganhou ênfase: apego à tradição. Não apenas “a pesquisa da contabilidade deve “sair fora da caixa” (E9), como deve “[...] parar o corporativismo. Ah, e tem uma proteção do que é a área, e aí você só faz aquilo dentro da área, porque essa é a identidade da área, e a área faz isso, e a área...[...]” (E5). Uma das tradições mais conhecidas e criticadas é a utilização exagerada de métodos quantitativos (Costa & Martins, 2016). E1 corroborou:

[...] para mim, é muito duro, sabe? Mas é uma... são tradições da pesquisa em contabilidade que a contabilidade não está disposta a abrir mão. Eu tenho muita dificuldade de dar entrada nas minhas pesquisas qualitativas nos periódicos de contabilidade nacionais. Internacionais é mais fácil do que nos nacionais. E aí... Porque se não for uma pesquisa com equações estruturais, se não for uma pesquisa com um modelo de dados em painel, a revista de contabilidade não está interessada em receber. Isso é cultural. (E1)

De forma não surpreendente, os respondentes que pertencem a linha de pesquisa de finanças, não enxergaram essa tradição como um problema, provavelmente pois suas pesquisas costumam estar dentro desse paradigma. Por outro lado, os entrevistados sinalizaram que a prática de se manter atualizado deve ser fortalecida. De acordo com E7, a atualização do material usado em aula deve ser constante:

[...] de forma geral, que eu percebo com conversas e tudo mais, é que, uma vez que aquela disciplina está definida, dificilmente o professor reavalia, revisa, traz novas referências, novos materiais, novas discussões. Então acho que, para troca com o aluno, acho que são as duas formas principais, grupos e transmissão da crista do conhecimento, do que há de mais atual para os alunos, por meio das disciplinas que os programas oferecem. (E7)

Em um nível individual, o próprio pesquisador precisa se atualizar, elaborou (E15):

E o aluno, aprendiz de pesquisa, (...) quando ele tem conhecimento de quais são esses periódicos de primeira linha... ele precisa ler esse periódico de primeira linha, ou minimamente acompanhar esses periódicos ao longo do tempo, para entender qual é o estado da arte de cada tempo. Quando esse pesquisador (...) entende o estado da arte, ele vai saber exatamente o que é que a academia está demandando atualmente. (E15)

Essas atualizações não são apenas sobre os temas propostos na academia, mas também sobre os métodos (E2). Seguindo essa linha, tanto a formação sólida quanto a formação de pesquisadores foram mencionadas. De forma ampla, E15 defendeu “Eu acho que em sala de aula o pesquisador, ele tem que ser treinado com foco ou com referência no que há de melhor”. Já E1 endereçou para a formação de base da pesquisa “[...] A formação sobre ontologia e epistemologia. Raramente os programas abordam esse tipo de tema [...]”. E11 elucidou:

[...] Vou explicar. Por exemplo, a disciplina de epistemologia, vocês têm na UFPR, nós temos na (...), mas não são todos os programas que têm. Então, imagina você se formar doutora sem ter ideia do que é ser pesquisadora, sem ter ideia do porquê você é pesquisadora, sem ter ideia de qual é a diferença de um pesquisador ou do conhecimento científico para um conhecimento religioso ou para um conhecimento prático. Sem ter essas compreensões você é um mero reproduzidor. (E11)

Esse nível de formação traria mais criticidade e maior visão do todo para o pesquisador, visto que Theóphilo e Iudícibus (2005) relataram que a epistemologia exerce uma função de vigilância crítica da pesquisa. Outro fator que auxilia na construção da visão do todo é a interação com os pares, porém com o foco no pesquisador em si, e não em uma pesquisa específica. E2 apontou:

[...] eu faço um intercâmbio em uma outra instituição, vou lá fazer uma disciplina em uma outra instituição, ou vou fazer um período (...) de visita no exterior. (...) eu entendo que isso seja de uma riqueza muito grande, não é? Para que (...) o pesquisador (...) possa ter insights (...) que de outra maneira não surgiriam, porque se a gente fica sempre nesse mesmo ambiente e nada novo entra, então (...) você vai só repercutindo o que já está ali (...) no meio. (E2)

Essa socialização do pesquisador serve, de certa forma, tanto para ajudar a quebrar tradições, quanto para trazer atualizações. Para E16:

Olha, eu acho que precisaria da gente fazer mais interlocução entre pesquisadores, e principalmente entre pesquisadores de outros lugares. Porque eu acho que a gente fica muito fechado na caixinha, no sentido de: eu preciso produzir muito. E às vezes eu produzo só com algumas pessoas do meu círculo, e eu deixo de conversar com uma outra pessoa, de uma outra instituição, seja no Brasil ou lá fora, que também pesquisa sobre o tema, e a gente poderia fazer uma parceria pra produzir algo melhor ainda. Entende? (E16)

Em relação à socialização da pesquisa, o *feedback* foi apontado como ponto importante, já que “[...] não há melhor trabalho do que aquele que mais foi compartilhado, do que aquele que mais recebeu críticas, porque aí, assim, ele tem um amadurecimento diferente. Assim, ele tem uma robustez que é diferente”. (E8)

Por último, o rigor na pesquisa foi pontuado como importante “porque é uma premissa da academia” (E12). E17 reforçou:

Primeira coisa: a comunidade acadêmica, a comunidade de pesquisadores da área, precisa ter uma maior consciência do nível de rigor metodológico que uma pesquisa precisa para ser classificada como boa pesquisa. Precisa ter essa consciência, e mais, precisa reproduzir isso nas práticas e no comportamento, além de transmitir isso para os alunos. (E17)

Essa fala está diretamente ligada ao processo da Construção Social da Realidade que diz que o conhecimento se constrói a partir de uma realidade imposta, que é transmitida para

outras gerações que a legitimam e internalizam (Berger & Luckmann, 2014). Nesse sentido, a formação sólida dos pesquisadores, o feedback e o rigor podem utilizar de mecanismos (explicados *a posteriori*) como forma de reforçar o que já foi legitimado.

Por fim, foi solicitado que os entrevistados falassem quais as práticas de pesquisa que denotam qualidade estão mais fortemente presentes na academia contábil, ou seja, aquelas que foram internalizadas e, portanto, dotadas de sentido. No entanto, sem qualquer surpresa, vários participantes optaram pelo caminho oposto e sinalizaram práticas negativas. As descrições dos códigos referentes às respostas para essa pergunta se encontram na Tabela 7.

**Tabela 7**  
Descrição dos códigos – Forte

<b>Código</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categoria</b>
Baixa qualidade	Baixa qualidade	Pontos negativos
Participação em congresso	Participação em congresso com o objetivo de socializar conhecimento indireto	Socialização
Produtivismo	Estímulo para o aumento da quantidade de publicações	Pontos negativos

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

O produtivismo apareceu de forma acentuada, em consoante com a literatura que o reconhece como um dos elementos que encorajam a produção científica sem a devida atenção à qualidade (Oliveira & Martins, 2019). Segundo E15:

[...] para mim (...) o incentivo (...) é todo na quantidade, e o que privilegia a quantidade, não a qualidade. Então, hoje, se você observar, por exemplo, a maioria dos professores (...) foca em publicações com seus orientandos, né? Não vê muito professor dedicado à pesquisa. Por quê? Porque não tem incentivo [...] a escola (...) não dá um incentivo adequado para o professor buscar um diferencial de publicação, e também não tem o incentivo da própria CAPES (...). O incentivo (...) é todo, como eu disse, na minha interpretação, um incentivo por via (...) da quantidade. (E15)

Essa percepção é compartilhada tanto por Costa & Martins (2016) que advogaram que o aumento do número de artigos não se reverteu em melhoria da área contábil; quanto por E16, que exemplificou através de sua vivência enquanto avaliador:

Eu acho que a gente está numa fase na academia no Brasil que todo mundo acha que tem que publicar muito, muito, muito... e a qualidade do trabalho em termos de respeito até à pesquisa, ela está caindo. Nesse sentido de... Gente! Quantas vezes eu pego um artigo que

ele não... tem erro de português, (...) a estrutura não fecha, sabe? Ele tem um resumo muito lindo, ele passa em um *desk review* muito bom, porque o resumo tá perfeito, a introdução tá ok, mas aí as coisas não fecham. Aquilo que a pessoa promete na introdução, ela não cumpre na metodologia; o método não é adequado; o trabalho tá mal escrito; você não tem discussão, é tudo muito raso! Às vezes você tem só relatando o resultado, só apresenta ele, mas você não discute ele. Às vezes você discute ele com um artigo que você nem citou no seu referencial teórico, e às vezes... Eu pareço chato nessas avaliações por que eu falo: cara, o básico do seu trabalho é saber o que tem que... é o método, a metodologia de como fazer o seu trabalho. Então, assim, se isso não está bom, não tem como eu avaliar nem o resto [...]. (E16)

Esse tipo de problema é antigo na academia, e tomou força quando o programa de avaliação da CAPES passou a pressionar os programas de pós-graduação para aumentar as produções (Martins, 2012). Nessa direção, E3 comentou “[...] as pessoas sabem que tem que produzir, a mensagem no passado de quantidade foi muito forte, então, não sabe muito bem qual é o caminho da qualidade e aonde deve ir”.

Ainda nos pontos negativos, a baixa qualidade também foi indicada. Segundo Almeida (2014), diversos são os problemas que denotam baixa qualidade em uma pesquisa, tais como: superficialidade, falta de literatura clássica e atual, teoria frágil, falta de transparência e rigor metodológico, entre outros. Além disso, falhas institucionais conseguem afetar a integridade da pesquisa (Oliveira & Martins, 2019). Levando isso em consideração, E15 foi taxativo “Não, eu vejo exatamente o contrário. Eu não percebo qualidade na pesquisa da academia contábil no Brasil. Na média, tá? Isso na média, generalizando”. Explicando o cenário, E6 disse: “[...] muito do que eu recebo para avaliar, eu rejeito, porque vem com baixa qualidade, né? Agora, (...) 20% do que eu recebo é muito bom, né? E 60% é muito ruim [...]”. No entanto, essa visão não foi compartilhada pelos pesquisadores com mais tempo de pesquisa (09 a 14 anos), como ressaltou E2:

Eu vejo que tem sido crescente essa preocupação [...] com você falar sobre qual é o gap de pesquisa, logo na introdução, deixar isso muito claro. [Essa preocupação] de deixar muito claro quais são as contribuições do estudo, que não sejam apenas teóricas, mas que sejam também práticas. Isso fica evidenciado muitas vezes até pela maneira que o periódico pede que você estruture o resumo, porque o resumo já vem exatamente estruturado por esses componentes (...). Eu vejo cada vez uma preocupação maior no desenvolvimento, na argumentação teórica para desenvolvimento de hipóteses quando é

o caso [...]. Eu vejo cada vez mais uma preocupação com os protocolos de pesquisa [...]. Eu vejo cada vez mais uma sofisticação no processo de análise (...), de uso de ferramentas mais sofisticadas, de os pesquisadores, os principais pesquisadores, aqueles que têm uma preocupação em construir uma reputação, em publicar nos principais periódicos, eles muito atentos (...) ao que está acontecendo e procurando (...) se manterem atualizados e evidenciando isso através de suas pesquisas. Então, de modo geral, eu vejo isso presente num nível maior do que eu via há 20 anos atrás, por exemplo. (E2)

É possível que junto com essa maturidade também existam mecanismos que direcionem suas buscas para bases, periódicos ou congressos de artigos com boa qualidade.

No outro extremo, a participação em congressos figurou como uma prática comum, já que é um ambiente que pode ser usado para a maturação e o compartilhamento do conhecimento (Espejo et al., 2013). Segundo E14: “Eu acho que é mais presente ainda a discussão dos artigos em congressos [...]”. Além da discussão de artigo, E5 informou que acredita bastante em congresso presencial, pois eles permitem a socialização do pesquisador. De forma semelhante E1 assegurou “[...] algo que acontece no campo que para mim é um vetor (...) da qualidade de pesquisa é a participação dos professores da pós-graduação em eventos científicos também”.

Na mesma linha, alguns entrevistados entendem que a participação em grupo de pesquisa é forte na academia. Para E5: “Eu acho que encontro do grupo de pesquisa, ou do laboratório, para discutir coisas que não necessariamente sejam o mestrando apresentando a pesquisa dele [...]”. E14 reiterou: “Na inserção de grupos de pesquisas, (...) onde discutem sua ideia desde o começo. (...) tem essas rodadas de *feedback* (...) sempre que você tem a demanda”. Essa fala mostra a valorização da construção da pesquisa por vários atores da academia, devido ao *background* amplo e diverso, fator pontuado por todas as questões anteriormente perguntadas. Nesse ponto, fica claro que a internalização é um processo que depende da externalização e da objetivação de forma cíclica (Berger & Luckmann, 2014). Os elementos com mais força são a participação em

congressos e em grupo de pesquisa, que na internalização por meio da socialização secundária, representam a aquisição de conhecimento de funções específicas.

Na Tabela 8, seguem trechos que exemplificam os momentos da Construção Social da Realidade no que tange os elementos da qualidade da prática de pesquisa na academia contábil brasileira.

**Tabela 8**  
Momentos da Construção Social da Realidade (CSR) - Elementos

Entrevistado	Trecho exemplificativo	Momento CSR
E18	“Então, se eu vou fazer uma pesquisa quantitativa, um dos passos metodológicos é eu ter um instrumento de pesquisa que já tenha sido validado, que já tenha sido utilizado”.	Externalização
E11	“A primeira coisa que vem pela minha cabeça é método. É uma prática de uma maneira de se fazer uma pesquisa, tá?”	Habitualização
E7	“Então, pelo menos o que eu aplico, primeiro é conhecer a literatura acadêmica, depois é buscar, ou em contatos profissionais que a gente tem [...] para fazer o vínculo entre essas questões conceituais com a prática [...]”.	Habitualização
E14	“Bom, no momento que eu tenho feito agora, é quando eu começo a pensar num problema de pesquisa, eu já procuro desde esse momento começar a fazer discussões com parceiros externos”.	Habitualização
E8	“Eu acho que a gente poderia se fortalecer muito em métodos, tá? E aí, agora, indo para a parte técnica. [...] Às vezes, o tempo do próprio mestrado, ele é curto, o doutorado é maior, a gente consegue uma profundidade metodológica maior, mas método não só de saber a técnica, mas elementos de rigor na pesquisa”.	Legitimação
E7	“[...] talvez a interação com os pares. Então, a gente tem incentivos para a apresentação de artigos em eventos”.	Socialização secundária

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

Por fim, em um paralelo com a dialética da construção social da realidade: a qualidade da prática de pesquisa é um produto humano; o elemento rigor é objetivado; o pesquisador é um produto da participação em congressos e grupos de pesquisa, sendo que esse último é um elemento da qualidade da prática de pesquisa.

#### 4.2.2 MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO, TRANSMISSÃO E MANUTENÇÃO DA QUALIDADE DA PRÁTICA DE PESQUISA

Os processos da construção social da realidade (internalização, objetivação e externalização) são simultâneos e não temporais. Em relação aos mecanismos de

construção, transmissão e manutenção da qualidade da prática de pesquisa, isso fica claro. A começar pelo questionamento de como os respondentes aprenderam a qualidade da prática de pesquisa, que transita tanto na externalização, pois os mecanismos já estavam inseridos na realidade antes mesmo da chegada do indivíduo; quanto na objetivação que, por meio da tipificação, estabelece como os outros são apreendidos e os modos pelos quais nos damos com eles (Berger & Luckmann, 2014). As descrições dos códigos referentes às respostas para essa pergunta se encontram na Tabela 9.

**Tabela 9**

Descrição dos códigos – Aprende

<b>Código</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categoria</b>
Disciplinas	Disciplinas com foco em prática científica	Aprendizado
Fazendo	Executando as tarefas	Aprendizado
Leitura de artigos	Leitura de artigos	Aprendizado
Orientação	Reuniões e tarefas da orientação	Aprendizado
Tentativa e erro	Tentativa e erro, ação	Aprendizado

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

De forma massiva, eles indicaram que “aprenderam fazendo”. Segundo E18: “Ah, esse aprendizado, ele é muito relacionado com a prática (...) do dia a dia [...]”. Em concordância, E2 acrescentou “O como fazer, foi fazendo (...) foi realmente fazendo. E fazendo, primeiramente, com pessoas com mais experiência do que eu”. Esse fazer é um ciclo de lapidação, conforme destacou E13 “Então, nós utilizamos isso [estratégia de pesquisa], associados a dois programas de P&D, e daí em diante (...) eu fui aperfeiçoando”. Inclusive esse aprendizado do fazer também vem de se disponibilizar na academia. Para E5:

Que convite para falar, né? Falar em evento, falar em palestra. Várias vezes eu me ofereci. [...] Não querem alguém para falar tal coisa? E eu estou estudando isso. E eu queria falar mais sobre isso. E eu quero que as pessoas me vejam falando sobre isso. Porque me interessa que as pessoas me procurem sobre esse assunto. Porque é um assunto que eu quero desenvolver. E se eu tiver que falar sobre esse assunto, eu vou ter que montar um negócio muito maravilhoso. (E5)

Ainda nesse sentido, os entrevistados também entendem que o mecanismo de tentativa e erro tem grande influência no aprendizado da qualidade das práticas de

pesquisa. Para E14: “Erro e acerto. Acho que essa é uma coisa... Realmente olhar assim, o que eu faço, o que deu errado [...]”. E17 acrescentou: “O que eu falo sempre é o seguinte: a gente aprende a ser pesquisador observando. Como? Primeiro observando os nossos erros, observando os nossos acertos, e observando os erros e acertos dos pares”. Ainda, esse mecanismo é considerado como uma espécie de percurso, conforme destacado por E1:

Tentativa e erro, essa é a primeira expressão que me vem na cabeça também, mas ela... Mas eu vou te dizer que é... Como a gente não tem uma trilha, (...) um currículo, uma pré-formação de pesquisadores, acaba que tentativa e erro é o nosso currículo, é a nossa prática. (E1)

Essa visão foi reforçada por E16 que comentou ter sido, em certa medida, jogado no limbo para aprender sozinho, sem um caminho que guiasse a formação, escolhas e condutas do pesquisador.

Nessa linha, o *feedback* é uma excelente forma de aprendizado, em especial quando o pesquisador está no início de sua carreira. Segundo E2: “[...] também é essencial, que é o *feedback* no processo de revisão, no artigo submetido, num processo de apresentação, em eventos [...]”. De forma taxativa, E15 defendeu o *feedback* de periódicos de melhor classificação como uma excelente forma de aprendizado:

Foi um mix de percepção em função das avaliações de editores (...). Então, acho que um dos melhores aprendizados que a gente pode ter é quando a gente passa a submeter nosso trabalho para grandes periódicos, (...) periódicos de primeira linha. Então, ali a gente tem uma possibilidade de aprendizado interessante, porque, de fato, os *feedbacks* desses avaliadores aí de *top journals* são *feedbacks* que realmente elevam a nossa percepção do que é importante e o que não é importante, pelo menos no contexto daquele periódico específico, né? (E15)

Ainda nesse momento de aprendizado base, as disciplinas também foram mencionadas. E7 comentou: “[...] eu tive exemplos, tive uma boa formação também aqui. Eu tive disciplinas de metodologia, tive disciplinas em que a gente desenvolveu projetos”. De forma similar, E10 disse que: “No mestrado (...) eu tive uma disciplina de metodologia

da pesquisa muito boa, (...) o professor era muito bom”. Deixando claro que as disciplinas servem tanto para iniciar, quanto para reforçar o processo de aprendizado, E3 pontuou:

No mestrado você começa a ter uma ideia básica (...) de como fazer as suas pesquisas e aí você reforça, num momento já de mais maturidade [com] algumas disciplinas que têm a ver com métodos, tanto quantitativo como (...) qualitativo, ou a própria metodologia de pesquisa mesmo, e isso vai desenvolvendo. (E3)

Em concordância, o CNPQ estimula disciplinas com conteúdo ético e de integridade de pesquisa oferecidas nos PPGs (CNPQ, 2011). Ou seja, nesse caso há tanto um direcionamento de órgão superior, quanto um alinhamento da própria instituição em oferecer disciplinas que colaboram com a formação para a pesquisa e para a pesquisa em si.

Já a relação entre orientador e orientando tem sido apontada como elemento relevante na construção de pesquisas científicas (Meurer et al., 2021). Esse entendimento foi compartilhado por E10: “[...] eu tive uma boa experiência também com o meu orientador na época, em termos de pesquisa, de troca sobre os encaminhamentos do fazer a pesquisa”.

De forma mais detalhada, E16 explicou como foi a experiência de ser orientado no exterior:

E aí, quando eu fui para o doutorado sanduíche, foi uma orientadora, que eu falo assim, que foi orientadora, efetivamente. De sair da mesa dela [...] e discutir de igual para igual, pra mim [...]. Ela me explicava mesmo. E nisso ela começou a realmente discutir comigo qual que era a produção do artigo científico na perspectiva internacional. [...] quais bases de dados que eu tinha que pesquisar? Quais artigos, quais *journals* eram interessantes? Onde que eu deveria publicar? Quais artigos que eu deveria ler? Para ter ideia de como que é a estrutura. Então ela que me deu esse *know-how* [...]. (E16)

Outro mecanismo pontuado que agrega em qualquer fase da vida do pesquisador, mas em especial quando esse já tem algum nível de maturidade na pesquisa e procura novas formas de fazê-la, foi a interação com pares. Conforme evidenciou E7: “[...] interações com professores em congressos, fóruns que a gente tem, então a gente acaba

aprendendo ferramentas novas, formas novas de desenvolver a pesquisa”. E3 destacou: “Agora, sempre, sempre..., uma coisa muito importante é buscar associar a professores e pesquisadores”. E a participação ativa nessas interações é de suma importância, conforme contou E10:

E aí eu sempre fui muito curioso e sempre que eu precisei de alguma ferramenta de pesquisa, (...) algum conhecimento específico, eu buscava com colegas mais experientes, (...) buscava trocar ideias. A gente [fazia] reuniões para discutir os encaminhamentos, mesmo que esses colegas não participassem [da pesquisa]. (E10)

Por último, a leitura de artigos se mostrou presente nas falas dos entrevistados. Conforme E11: “A própria aprendizagem individual no sentido de você ler, se debruçar, estudar, né?”. E2 completou: “E aí também me auxiliou bastante a leitura de artigos, de referência no uso daquele método, não é?”. No entanto é importante destacar que a leitura precisa ser focada, como disse E1:

[...] especialmente a leitura atenta de (...) artigos. Quando a gente lê de forma atenta os artigos, dizendo: olha que legal esse método que eles aplicaram, olha como eles mostraram isso! A gente vai recolhendo essas boas práticas. Por mais que a gente não tenha tentado e errado, a gente recolhe boas práticas do campo (...) e aplica elas porque vê que são boas práticas efetivamente. (E1)

Essas trocas de aprendizado ocorrem a partir da relação do homem com a sociedade, ou seja, a partir das tipificações, que possibilitam a distinção entre as coisas e o melhor entendimento da própria realidade vivenciada (Berger & Luckmann, 2014; Carvalho, 2017).

De forma geral, o aprendizado ocorre por meio de interações sociais, as quais estabelecem como o indivíduo lida com o outro. Nesse sentido, o *feedback*, a orientação, a disciplina, e a interação com pares ao longo do processo, posicionam o pesquisador como receptáculo do conhecimento. Tanto o *feedback*, quanto a interação com pares relativa ao processo, já haviam sido sinalizados como elementos da qualidade do processo de pesquisa, mas agora aparecem também como mecanismos de aprendizado.

Esse nível, tipificação, antecede a institucionalização, que é um processo composto tanto dos hábitos quanto dos atores. Ela ocorre sempre que houver a tipificação recíproca de determinados hábitos realizados por determinados tipos de atores (Berger & Luckmann, 2014). As tipificações que constituem uma instituição são sempre partilhadas, acessíveis a todos os membros do grupo social em questão, são produtos de história partilhada, controlam a conduta humana, estabelecendo padrões previamente definidos e tem caráter de objetividade (Berger & Luckmann, 2014). Nesse sentido, a transmissão da qualidade das práticas de pesquisa é uma institucionalização. Por outro lado, a legitimação também está presente na transmissão pois ela explica e justifica as instituições (Berger & Luckmann, 2014). As descrições dos códigos referentes às respostas para a próxima pergunta se encontram na Tabela 10.

**Tabela 10**

Descrição dos códigos – Transmite

<b>Código</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categoria</b>
Conversa	Conversa, indireto	Aprendizado
Lado humano	Postura de menor cobrança, que abre espaço para o aluno	Aprendizado
Oficinas	Oficinas, workshops	Aprendizado
Proximidade orientador	Atuação próxima ao orientador	Aprendizado

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

Quando interrogados sobre como efetuam essa transmissão, novamente o processo de orientação apareceu dentre as respostas dos entrevistados. E1 explicou:

Logo que o aluno ingressa comigo, (...) para ser orientado por mim, eu faço uma primeira reunião, onde eu apresento algumas pautas [...] associadas ao que nós estamos fazendo em pesquisa, que tipo de pesquisa nós queremos construir..., e ali eu coloco alguns elementos de rigor que para mim são importantes né? Não necessariamente rigor metodológico (...), mas rigor de cumprimento dos objetivos da pesquisa [...]. (E1)

Não somente a orientação, mas a proximidade com o orientador se destacam, já que a relação estabelecida durante a orientação tem capacidade de afetar a propensão do orientando a continuar sua formação, bem como a se atrelar à qualidade das atividades desenvolvidas no *Stricto Sensu* (Meurer et al., 2021). Nesse sentido, E3 comentou: “[uma

coisa que] eu digo para os meus orientandos sempre é: (...) a gente precisa ter uma proximidade. Eu falo com eles toda semana sobre o andamento dos trabalhos, como está seguindo”. De forma similar, E17 explicou “Eu acompanho do início ao fim, de olhar a base de dados, como os dados estão sendo coletados, o que foi feito, eu olho, reviso, (...) texto, método, dado, tem que acompanhar mais de perto”.

Ainda, essa proximidade precisa ter tato, um olhar que considera as demandas do orientando. Para E5, a orientação deve suavizar o caminho da pós-graduação: “O que importa é o processo e uma coisa bem humana (...). Porque faz diferença, sabe? Se eu humanizar (...) o processo de entender”. Outra forma de ver esse lado humano é considerando as necessidades do orientando, conforme destacou E1:

[...algo] que para mim é importante também, é reconhecer qual é a, entre aspas, disponibilidade do orientando no começo, sabe? Porque a gente tem recebido muitos orientandos atualmente que são pessoas que não têm interesse, por exemplo, em bolsa, em dedicação exclusiva para pesquisa, eles conciliam o trabalho com atividade de pós-graduação, então eu preciso saber (...) o quanto ele está [disponível] que tipo de pesquisa vai ser viável da gente fazer com rigor para aquela pessoa, sabe? Então não adianta também eu projetar que eu vou querer aplicar as melhores pesquisas, aquela mais avançada, aquela mais... se a pessoa não tem condições de tempo (...) ou de dedicação para fazer aquilo. Então a gente tem que chegar em um ponto de equilíbrio, digamos assim, entre necessidade e possibilidade (...). (E1)

Pensando ainda no lado humano, os professores entrevistados da linha de gerencial usaram da conversa para transmitir a qualidade da prática de pesquisa. E5 acredita que os resultados das tentativas e erros devem ser compartilhados: “É bastante com base na experiência que a gente faz essas coisas. Errando e contando os causos e as histórias”. Como forma de diminuir um possível (mau) impacto, E14 advoga “Ah! Eu falo a real para eles, (...) de que a pesquisa não é uma coisa fácil, não é simples, não é rápida [...]. De forma similar, E8 defendeu a ideia de “[...] muita conversa! De falar para eles que ocorrem processos naturais, que a primeira entrega não vai ser a melhor de todas, que é uma construção [...]”.

Outra forma de transmissão (assim como de aprendizado) são as disciplinas. Para

E1:

A primeira coisa é botar em sala de aula isso, porque aí é um momento formativo (...) que é importante que o aluno (...) reconheça aquilo de alguma forma, (...) ou observe aquela coisa do rigor que [a] pesquisa exige em algum momento [...]. (E1)

Uma das modalidades para essa transmissão é trabalhando a construção de artigos com os alunos, como pontuou E18:

[...] E eu tenho o hábito de usar muito um modelo de cobrar dos alunos, uns *short papers*. São pequenos *papers* de duas páginas, em que a gente dá um tema para discutir e pede para o aluno (...) desenvolver um pequeno *paper* sobre aquele tema. E, ali, eu procuro analisar a forma de escrever do aluno, a forma de organizar o texto. Porque o *short paper* é algo pequenininho, tem um objetivo, um desenvolvimento, um resultado final, mas que, na prática, é a mesma coisa que eu vou fazer depois no artigo, na dissertação, para poder desenvolver essa questão. (E18)

Por outro lado, existem disciplinas que focam na ideia de avaliação de artigos. E7 explicou:

Nessa disciplina a gente [...] forma os alunos para desenvolverem pareceres científicos. Então, o que eles têm que fazer? Primeiro, ler criticamente o trabalho, identificar pontos fortes, identificar qual é o coração do trabalho e, principalmente, pensar em sugestões de melhoria. Relevantes. Então, a gente bate no pé. Não vem fazer sugestões relacionadas à tabela, a..., sei lá, uma frase que não... Não! Você tem que trazer questionamentos fundamentais para o trabalho. Então, a partir desses pareceres que os alunos fazem, a gente faz comentários sobre a estrutura, sobre os pontos que eles comentaram, se foram aprofundados ou não. Então às vezes o aluno destaca um ponto de melhoria, mas só que ele não fala qual é a sugestão dele para o autor. Então a gente fala: se você está destacando um ponto de melhoria, o mínimo que você tem que fazer é uma sugestão de direcionamento. Ou você traz uma reflexão mais abrangente, ok! E aí não vai ter uma sugestão de melhoria, mas se tem pontos mais específicos... (E7)

De forma complementar, alguns dos professores entrevistados ainda ofertam oficinas, sejam em disciplinas ou em grupos de pesquisa. Para E10 e E17, o objetivo dessas oficinas é mostrar a execução de técnicas das quais os alunos tiveram contato apenas de forma conceitual.

Por último, os protocolos também apareceram como elementos de transmissão, denotando certa independência direta entre professor e aluno. E13 comenta: “Olha, esse

protocolo (...) foi construído exatamente para que os alunos leiam antes de começar a pesquisa”. De forma similar, E17 explicou:

[...] as dissertações que eu oriento, elas têm uma quantidade gigantesca de apêndices com todos os procedimentos que foram adotados na pesquisa para se chegar àquele resultado. Todos! É um *script*, um passo a passo. Por que eu faço isso? [...] para poupar meu trabalho depois nas orientações futuras, porque quando eu tenho todos esses procedimentos documentados, eu não preciso ficar reexplicando para os novos alunos o que fazer, pode pegar a dissertação que já vai ter lá o passo a passo. (E17)

Enquanto os respondentes sinalizaram o aprendizado da qualidade da prática de pesquisa no “dia a dia, fazendo”, a maioria deles prefere estar mais próximo de seus alunos/orientandos, de forma a suavizar os períodos desafiadores que a prática diária pode proporcionar. Essa transmissão, enquanto instituição, quando passada de uma geração para outra se torna histórica e adquire objetividade, que é posteriormente legitimada (Berger & Luckmann, 2014).

Por último, foi solicitado que os entrevistados falassem de que forma ou como essas práticas são mantidas. O objetivo dessa pergunta era entender quais mecanismos eram percebidos como inevitáveis na maior parte do tempo, ou seja, o processo de internalização bem-sucedido. As descrições dos códigos referentes às respostas para essa pergunta se encontram na Tabela 11.

**Tabela 11**  
Descrição dos códigos – Manutenção

<b>Código</b>	<b>Descrição</b>	<b>Categoria</b>
CAPES	Agência avaliadora	Continuidade
Colaboração	Cooperação	Continuidade
Repetição	Recorrência	Continuidade
Tradição	Ações voltadas à crenças, que são passadas de geração em geração	Continuidade

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

A CAPES apareceu em diversas respostas, já que regula os programas de pós-graduação. Tanto E5 quanto E15 enfatizaram o peso que a CAPES tem dentro do que é feito pelos professores, mas E18 desenhou:

[...] a academia [sofre] muito [com] esse modelo de avaliação que é estabelecido pela CAPES. Então, por mais que a gente queira... (...) bom, eu quero fazer uma pesquisa

daquilo que eu gosto, que eu tenho vontade de fazer. (...) a gente acaba se obrigando a modelar a nossa pesquisa e desenvolver a nossa prática de pesquisa seguindo o que é padrão de avaliação, porque a avaliação (...) está dentro do processo, né? Então, a manutenção dos programas de pós-graduação, eles estão muito associados à questão da avaliação. (E18)

É possível que a necessidade de adequar a prática ao padrão esteja condicionando os pesquisadores a um processo de repetição, conforme explicou E11: “Porque você reproduz, você está dentro de um..., de um paradigma. E penso que você também, né? Você está dentro de um paradigma. Esse paradigma funciona desse jeito. Nós fomos doutrinados a trabalhar desse jeito”. Em concordância, E17 expôs “ Eu acho que elas acabam sendo reproduzidas, mas de forma... Como é que eu vou dizer? É uma espécie de mimetismo. É um repetindo o que o outro está fazendo”. De certa forma, essa repetição “vazia” só existe porque dá retorno, conforme criticou E8: “Porque elas geram, de certa forma, resultado, tá? E funciona! E aí a gente exerce um comportamento como se fosse máquina, né? Funciona, dá resultado, eu replico”.

Essa replicação também pode ser vista pelo olhar da tradição, não somente como um legado (E14), mas também como cultura. De acordo com E1:

São mantidas por replicação. [...se] a gente parar de oferecer, elas param de existir. [...] infelizmente, também tem muito isso das pessoas (...) que carregam aquelas práticas. (...) tanto na pesquisa quanto no ensino de pesquisa, sabe? Ensino de pós-graduação, por exemplo. Vou te dar um exemplo (...) que foi o meu orientador que trouxe, ele passou para mim e eu continuei. No momento em que eu resolver de não continuar, a coisa, de repente, perde força, porque eu que tenho um histórico, mas... Aí, pra que a coisa se mantenha (...) eu tenho que formar gente que siga com aquela cultura também. Então, é um aspecto cultural que a gente precisa se preocupar não só com a criação, mas com a manutenção, como tu falou. Ele siga existindo, e isso vai, de novo, pela formação de pessoas para pós-graduação. E essa construção endo (...) dentro da cultura da pesquisa. Produzir academicamente dentro disso fortalece a cultura (...). Não é o que garante a perpetuidade, mas fortalece pilares para que ela possa caminhar em cima daquilo (...). É um bom ponto. (E1)

Ou seja, existe um capital intelectual que precisa ser transmitido até se tornar cultural (E11). Para além da replicação enquanto tradição e cultura, outro mecanismo citado foi a colaboração, cujo tom é mais positivo, conforme E9: “Eu entendo que a

ciência acabou sendo um campo construtivo”. E7 ainda lembrou que mesmo com a falta de remuneração e sobrecarga de funções, o mecanismo da colaboração se impõe:

Eu acho que são mantidas por esse controle informal, que é a colaboração. Se eu não contribuir, o campo não anda. Eu dependo para outras atividades. Eu preciso de pessoas para apresentar artigos em congresso, eu preciso de pessoas para avaliar os artigos, eu preciso de autores, senão esse mundo não anda. Eu preciso de professores para participarem da banca dos meus orientandos. Então, esse é o senso que norteia, porque, não sei se você tem conhecimento, mas os professores não recebem extra por essas atividades. (E7)

Por último, as disciplinas e a formação de pesquisadores também foram pontuadas como forma de se manter a qualidade das práticas de pesquisa. Para E2: “[...] são as disciplinas (...), quer dizer, se você retira as disciplinas, se você retira os consórcios, se você retira os congressos, acabou-se!”. Em paralelo, E1 advoga “É fundamental a habilidade do pesquisador de formar novos pesquisadores também. E isso é fundamental para a manutenção da qualidade da pesquisa ao longo do tempo também”.

Apesar de a orientação não ter aparecido com frequência nas respostas, E2 enfatizou: “Eu vejo isso [manutenção da qualidade da prática de pesquisa] muito no próprio processo de orientação”. De forma geral, a imposição da orientação no processo de formação do pesquisador faz dela um mecanismo bem-sucedido e reconhecido entre os envolvidos. No entanto, é necessário cuidado, conforme E17:

Por isso que, na minha visão, se os professores não tiverem um comprometimento em reproduzir, em transmitir para os alunos o que é boa prática de pesquisa, pode ser que ele aprenda e pode ser que ele não aprenda. Porque se ele tiver contato com quem adota boas práticas, ótimo, ele vai reproduzir aquilo. Se ele não tem esse contato, ele vai reproduzir o que é ruim. (E17)

Nesse sentido, devido à proximidade orientando-orientador e aos trabalhos desenvolvidos no processo de orientação, esse mecanismo pode ser considerado internalizado.

Após a transmissão, a qualidade da prática de pesquisa precisa ser mantida. Para Berger & Luckmann (2014), isso ocorre por meio da legitimação e da internalização. A

legitimação, em seu estágio final, faz com que a participação em uma realidade ganhe sentido fora dela e é tomada como pressuposto dos indivíduos em dela participar. Além disso, se faz necessário que o indivíduo veja sentido, o que é garantido na internalização. Na Tabela 12 seguem trechos que exemplificam os momentos da Construção Social da Realidade no que tange os mecanismos da qualidade da prática de pesquisa na academia contábil brasileira.

**Tabela 12**

Momentos da Construção Social da Realidade (CSR) - Mecanismos

Entrevistado	Trecho exemplificativo	Momento CSR
E4	“Bom, boa parte vem da questão da própria formação, principalmente no doutorado! Então a gente acaba sendo exposto a uma série de desafios e de conteúdos de ferramentas que, de certa forma, criam a base para a gente desenvolver essas pesquisas, e, basicamente, digamos assim, uma espécie de formação continuada [...]”.	Externalização e tipificação
E6	“Mas, muito com o orientador, muito pelas disciplinas de... principalmente oficinas de revisão textual, oficinas de metodologia, né? Claro, além das disciplinas de metodologia. E momento de banca a gente aprende também, porque a troca (...) pega pessoas de fora da instituição. Então, tu acaba trocando ideias ali. É um momento de aprendizado. A gente é revisor de periódico também, e de congresso também. Então, o fato de ser revisor, tu também tá aprendendo, (...) tu tá lendo sobre a tua área, sobre aquele teu objeto [...] então tu tá aprendendo também”.	Externalização e tipificação
E15	“Geralmente é pelo meio mais tradicional, né? A aula mesmo, no caso, de metodologia, e reuniões de orientação. São as formas possíveis, de alguma maneira, discutir com os meus orientandos, né?”	Institucionalização e legitimação
E5	“Não vou te dizer, ah, eu preciso dos meus sonhos. Não! Eu olho o que a CAPES avalia, o CNPQ avalia, e a partir daí eu traço minhas metas, meus objetivos, etc. Então não tem muito como a gente fugir disso”.	Socialização secundária

Fonte: dados da pesquisa, elaborado pela autora (2023)

De forma geral, existe uma espécie de coerção, como por exemplo, a CAPES enquanto órgão regulamentador; e o mecanismo de colaboração, enquanto agente condutor da academia. Por outro lado, as disciplinas participam de todos os processos da construção social da realidade, sendo o mecanismo que constrói, transmite e mantém a qualidade da prática de pesquisa. Conforme sinalizado nas entrevistas, ela deve ser constantemente atualizada, ter espaço para mais de um enfoque (aprendizado do aluno enquanto revisor e enquanto autor), e deve possuir um alto nível de socialização. Ainda,

a disciplina é um dos mecanismos de formação dos pesquisadores que também é um mecanismo internalizado, ao passo que é um elemento da qualidade da prática de pesquisa.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo objetivou compreender como a qualidade da prática de pesquisa tem sido desenvolvida, transmitida e mantida por meio dos hábitos dos atores na pesquisa acadêmica contábil. Para que esse fosse alcançado, a pesquisa utilizou-se de entrevistas semiestruturadas em profundidade, com professores vinculados à PPGs de Contabilidade. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas a partir da análise de conteúdo sob a perspectiva da Construção Social da Realidade.

Ainda, essa análise foi feita em dois momentos, sendo o primeiro em relação aos elementos da qualidade da prática de pesquisa; e o segundo em relação à construção da qualidade da prática de pesquisa.

No que tange aos elementos, aquele que foi relatado por mais entrevistados foi o rigor, que apareceu como componente da qualidade da prática de pesquisa (externalização); como hábito dos pesquisadores (habitualização); e como elemento a ser fortalecido (legitimação). Na legitimação, o rigor está no quarto nível, o qual está sedimentado ao ponto de ser imperceptível a vida cotidiana, onde pode conservar determinada realidade construída. Nesse sentido, o rigor é inerente à pesquisa científica e que, de certa forma, diferencia a ciência do senso comum. No entanto, apesar de ter sido legitimado, não foi internalizado pelos entrevistados. O *feedback* e a formação dos pesquisadores também foram elementos legitimados, e não internalizados.

Por outro lado, o grupo de pesquisa e a participação em congressos foram elementos internalizados. Enquanto o primeiro é de participação obrigatória em qualquer

programa de mestrado e doutorado, o segundo é fortemente encorajado pelos professores. Dessa forma, ambos elementos fazem com que os atores da academia percebam sentido enquanto qualidade da prática de pesquisa, mas apenas o grupo de pesquisa pode ser considerado bem-sucedido, já que o sentimento de inevitabilidade está presente na maior parte do tempo.

Ainda, foi apresentada uma proposta para a definição da qualidade da prática de pesquisa que se divide em atributos da pesquisa (rigor, ética, protocolo metodológico, revisão de literatura, entre outros); métricas (qualis, fator de impacto e demais indicadores); e fatores suplementares (formação de pesquisadores, tempo e grupo de pesquisa).

No que se refere aos mecanismos, a disciplina constrói, transmite e mantém a qualidade das práticas de pesquisa. Ela reforça pedagogicamente a qualidade das práticas de pesquisa, como preconiza a internalização (socialização secundária). Além disso, insere o pesquisador em um setor da sociedade (academia), já que nos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* é de realização obrigatória. Essa obrigatoriedade faz dela um mecanismo bem-sucedido, pois é inevitável. Na disciplina existem opções para trabalhar a qualidade da prática de pesquisa: leitura de artigos, desenvolvimento de *papers*, interação com pares, *feedbacks*, conversa e oficinas; assim como possibilidades de enfoque diferentes, como desenvolvimento ou avaliação de artigos. Essa versatilidade e importância devem ser levadas em consideração pelos professores e órgãos reguladores; em especial pois a disciplina é um mecanismo de formação de pesquisadores, esse que é tanto elemento legitimado quanto mecanismo internalizado da qualidade da prática de pesquisa.

Outro ponto de interesse é que a CAPES e a colaboração são mecanismos óbvios de manutenção, pois a primeira regulamenta e a segunda é um vetor do funcionamento do

campo. Nesses dois casos a internalização foi novamente bem-sucedida devido ao sentimento de inevitabilidade. A orientação também foi um mecanismo internalizado.

A formação de pesquisadores apareceu como elemento legitimado no quarto nível, pois é intrínseco à realidade do pesquisador; no entanto não foi internalizado. Porém, enquanto mecanismo de manutenção da qualidade das práticas de pesquisa, foi considerado internalizado.

Por fim, considerando que as realidades socialmente construídas se modificam pelas ações humanas, cabe aos pesquisadores reforçarem ou reformularem a qualidade das práticas de pesquisa, usando os mecanismos para a sua construção, transmissão e manutenção. No sentido do reforço, por exemplo, pesquisadores formados utilizam as disciplinas para passar o rigor enquanto qualidade da prática de pesquisa, de forma a resolver o problema de artigos cujo método é aplicado de forma imprecisa.

Em termos de contribuições, esse trabalho avança na literatura, principalmente, ao apontar uma proposta para a definição da qualidade da prática de pesquisa; além de avançar no conhecimento sobre aspectos de qualidade que fazem ou devem fazer parte das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira. Em termos práticos, a maior colaboração dessa pesquisa foi evidenciar a disciplina como mecanismo primordial de aprendizado, transmissão e manutenção da qualidade das práticas de pesquisa; assim como as possibilidades de trabalhar os elementos dentro da própria disciplina. Por último, a pesquisa contribuiu no campo social ao evidenciar a formação de pesquisadores tanto como elemento, quanto como mecanismo da qualidade das práticas de pesquisa; de forma a lançar luz sobre a trajetória dos pesquisadores no que tange ao tema. Ainda, este trabalho auxilia a compreensão da qualidade das práticas de pesquisa no campo científico contábil, de modo a elucidar elementos que devem ser usados por pesquisadores da área na condução de suas pesquisas, potencialmente diminuindo o tempo de aceite de

publicações, e conseqüentemente atingindo a comunidade acadêmica e outros públicos-alvo de forma mais rápida e direta.

Dentre as limitações da pesquisa, apresenta-se a não possibilidade de generalização dos resultados. Contudo, o objetivo da pesquisa qualitativa é compreender e aprofundar os fenômenos, que são explorados a partir da perspectiva dos participantes em relação ao contexto (Sampieri, Collado & Lucio, 2013). Além disso, esse tipo de pesquisa exige a compreensão interpretativa do texto (Flick, 2009), denotando uma limitação da pesquisadora. Ainda, a falta de respondentes nas regiões Norte e Centro-Oeste é um limitador, já que as regiões também constroem a realidade social da qualidade da prática de pesquisa na academia contábil brasileira.

Como agenda para pesquisas futuras, sugere-se: buscar compreender quais são os mecanismos que perpetuam o produtivismo e o apego à tradição; entender por que o rigor não é internalizado; entender por que a orientação não é internalizada; testar a proposta de definição da qualidade da prática de pesquisa; validar a disciplina enquanto mecanismo de construção, transmissão e manutenção da qualidade das práticas de pesquisa; e ampliar o escopo de pesquisa abrangendo todas as regiões do país.

## REFERÊNCIAS

- Abdalla, M. M., Oliveira, L. G. L., Azevedo, C. E. F., & Gonzalez, R. K. (2018). Quality in qualitative organizational research: Types of triangulation as a methodological alternative. *Administração: ensino e pesquisa*, 19(1), 66-98.
- Adler, R. W., & Liyanarachchi, G. A. (2015). Successful authors' views on the editorial review processes of accounting journals. *Pacific Accounting Review*, 27(4), 411-437.
- Aguinis, H., & Vandenberg, R. J. (2014). An ounce of prevention is worth a pound of cure: Improving research quality before data collection. *Annual Review of Organizational Psychology and Organizational Behavior*, 1(1), 569-595.
- Almeida, J. E. F. (2014). Como aumentar a probabilidade de aprovação de artigos em periódicos? Análise dos pareceres de avaliadores da Revista Brasileira de Contabilidade. *Revista Brasileira de Contabilidade*, (206), 13-25.
- Andrade, J. X. (2011). Má conduta na pesquisa em Ciências Contábeis [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Digital Library of Theses and Dissertations of USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-10062011-172859/publico/JesusmarXimenesAndrade.pdf>
- ANPAD – Associação Nacional de Pós-graduação e pesquisa em administração. (2017). Boas práticas da publicação científica: Manual para autores, revisores, editores e integrantes de corpos editoriais.
- Badua, F. A., Previts, G. J., & Vasarhelyi, M. A. (2011). Tracing the development of accounting thought by analyzing content, communication, and quality in accounting research over time. *Accounting Historians Journal*, 38(1), 31-56.
- Bardin, L. (2021). Análise de conteúdo (L. A. Reto; A. Pinheiro, trad.; 5 ed.). Edições 70. (Originalmente publicado em 1977).

- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2014). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (F. S. Fernandes, trad.; 36 ed.). Vozes.
- (Originalmente publicado em 1966).
- Brown, J. R., & Ozgur, C. (2007). Assessment of Research Quality. *International Journal of Operations and Quantitative Management*, 13(4), 285-307.
- Cao, G. (2007). The pattern-matching role of systems thinking in improving research trustworthiness. *Systemic Practice and Action Research*, 20(6), 441-453.
- Cárdenas, A. R., da Costa, T., Alperstedt, G. D., & Feuerschütte, S. G. (2018). O uso da triangulação em teses e dissertações de programas de pós-graduação em Administração no Brasil. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(2), 1-22.
- Carvalho, L. D. (2017). *Construção social da realidade no ensino e na pesquisa em estratégia dos mestrados profissionais em administração sob a ótica dos docentes* [Tese de Doutorado]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3504>
- Castiel, L. D., & Sanz-Valero, J. (2007). Entre fetichismo e sobrevivência: o artigo científico é uma mercadoria acadêmica?. *Cadernos de Saúde Pública*, 23, 30413050.
- Clarkson, P. M. (2012). Publishing: art or science? Reflections from an editorial perspective. *Accounting & Finance*, 52(2), 359-376.
- Clemente, A., Antonelli, R. A., & Portulhak, H. (2018). Ética nos periódicos de contabilidade: a percepção dos professores de mestrado e doutorado do Brasil. *Estudios Gerenciales*, 34(148), 279-291.
- CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. (2011). *Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq*.

- Costa, F., & Martins, G. A. (2016). Características epistemológicas de publicações científicas em Contabilidade: evidências de um cenário produtivista. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 13(29), 33-67.
- Demo, P. (1995). *Metodologia científica em ciências sociais*. Editora Atlas.
- Dzwigol, H. (2021). *Meta-Analysis in Management and Quality Sciences. Marketing and Management of Innovations 1*.
- Espejo, M. M. S. B., Azevedo, S. U., Trombelli, R. O., & Voese, S. B. (2013). O mercado acadêmico contábil brasileiro: uma análise do cenário a partir das práticas de publicação e avaliação por pares. *Revista Universo Contábil*, 9(4), 06-28.
- FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. (2014). Código de boas práticas científicas.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa*. Bookman editora.
- Hillen, C. (2020). *Planejamento e controle orçamentário em empresa familiar em processo de sucessão intergeracional sob a perspectiva da construção social da realidade [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]*.
- Repositório Institucional UFSC.  
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216430/PPGC0209-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>
- Ihantola, E. M., & Kihn, L. A. (2011). Threats to validity and reliability in mixed methods accounting research. *Qualitative Research in Accounting & Management*, 8 (1), 39-58.
- Iudícibus, S. D., Martins, E., & Carvalho, L. N. (2005). Contabilidade: aspectos relevantes da epopéia de sua evolução. *Revista Contabilidade & Finanças*, 16, 7-19.

- Mårtensson, P., Fors, U., Wallin, S. B., Zander, U., & Nilsson, G. H. (2016). Evaluating research: A multidisciplinary approach to assessing research practice and quality. *Research Policy*, 45(3), 593-603.
- Martins, E. A. (2012). *Pesquisa contábil brasileira: uma análise filosófica* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Mazzon, J. A. (2018). Using the methodological association matrix in marketing studies. *Revista Brasileira de Marketing*, 17(5), 747-770.
- Meurer, A. M., Da Silva Sousa, R. C., Costa, F., & Colauto, R. D. (2021). Feelings perceived by students during the phases of accounting dissertation guidance. *Revista Contabilidade & Finanças*, 32(85), 158–173
- Oliveira, M. C. (2002). Análise dos periódicos brasileiros de contabilidade. *Revista Contabilidade & Finanças*, 13, 68-86.
- Oliveira, J. R. S., & Martins, G. A. (2019). Uma abordagem para avaliação da qualidade do processo de pesquisa em Contabilidade. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 13(4).
- Peleias, I. R., Silva, G. P. D., Segreti, J. B., & Chiroto, A. R. (2007). Evolução do ensino da contabilidade no Brasil: uma análise histórica. *Revista Contabilidade & Finanças*, 18, 19-32.
- Sampieri, R.H., Collado, C.F., & Lucio, M. D. P. B. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Silva, A. C. B. D., Oliveira, E. C. D., & Ribeiro Filho, J. F. (2005). *Revista Contabilidade & Finanças-USP: uma comparação entre os períodos 1989/2001 e 2001/2004*. *Revista Contabilidade & Finanças*, 16, 20-32.
- Telles, R. (2001). A efetividade da matriz de amarração de Mazzon nas pesquisas em Administração. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 36(4).

- Theóphilo, C. R., & Iudícibus, S. (2005). Uma análise crítico-epistemológica da produção científica em contabilidade no Brasil. *Contabilidade Gestão e Governança*, 8(2).
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Editora Atlas.
- Wolf, J., & Rosenberg, T. (2012). How individual scholars can reduce the rigor-relevance gap in management research. *Business Research*, 5(2), 178-196.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1) Identificação do respondente:
  - a. Nome;
  - b. Tempo de pesquisa;
  - c. Universidade em que cursou o doutorado;
  - d. Universidade em que atua;
  - e. Linha de pesquisa.

- 2) Conteúdo da pesquisa

Objetivo da pesquisa: compreender como a qualidade da prática de pesquisa tem sido desenvolvida, transmitida e mantida por meio dos hábitos dos atores na pesquisa acadêmica contábil.

- a. Nesse sentido, o que você entende como qualidade da prática de pesquisa?
- b. Quais são as práticas de pesquisa que você utiliza e que refletem a qualidade da prática de pesquisa?
  - i. Como você aprendeu essas práticas?
  - ii. Como você passa esses conceitos para seus orientandos e alunos?
- c. Dentre as práticas que o (a) senhor(a) mencionou, quais você entende que estão mais fortemente presentes na academia contábil brasileira?
  - i. Como você acha que os novos pesquisadores aprendem essas práticas?
- d. Por qual motivo isso ocorre?
  - i. Como você entende que essas práticas são mantidas? Ou por que elas deixam de acontecer?
- e. Existe alguma prática que você entende que deveria ser fortalecida na academia contábil brasileira, em prol de sua consolidação enquanto ciência?

## APÊNDICE B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARANÁ - CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A Construção Social da Realidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira.

**Pesquisador:** Sayuri Unoki de Azevedo

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 68258223.4.0000.0214

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-graduação em Contabilidade da UFPR

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 6.042.712

#### Apresentação do Projeto:

A Contabilidade como ciência no Brasil é muito jovem e ainda busca por consolidação e, nesse sentido, as práticas de pesquisa devem ser embasadas na qualidade. Porém, a literatura da área mostra a necessidade de maior amadurecimento dessas práticas. Esse estudo buscará compreender como tem sido construída a realidade das práticas de pesquisa na área contábil por meio de análise de conteúdo das entrevistas feitas com pesquisadores.

#### Metodologia Proposta:

A pesquisa terá enfoque qualitativo, uma vez que buscamos compreender a perspectiva dos participantes sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vista, opiniões e significados (Sampieri et al., 2013). No que tange a abordagem, será descritiva exploratória, pois os estudos descritivos buscam especificar as propriedades e características de qualquer fenômeno que seja analisado; e os estudos exploratórios são realizados quando o objetivo é examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado (Sampieri et al., 2013). A pesquisa se divide em duas etapas: revisão de literatura e coleta de dados. Os participantes do estudo serão pesquisadores formados, ou seja, com o doutorado completo. A coleta de dados ocorrerá por meio de entrevista em profundidade, semiestruturada, online por meio da plataforma Google Meet, baseada em um roteiro de perguntas previamente aprovado pelo Comitê de Ética. A entrevista será gravada (áudio e vídeo) com a autorização prévia do participante. A seleção dos pesquisadores obedeceu a "amostragem homogênea, na qual o propósito é se centrar no tema a

**Endereço:** Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

**Bairro:** Centro

**CEP:** 80.060-150

**UF:** PR

**Município:** CURITIBA

**Telefone:** (41)3360-5094

**E-mail:** cep\_chs@ufpr.br

Continuação do Parecer: 6.042.712

ser pesquisado ou ressaltar situações, processos ou episódios em um grupo social” (Sampieri et al., 2013, p. 407). A seleção dos pesquisadores não será definida numericamente a priori, pois será utilizada a saturação de categorias. No entanto, estima-se que a saturação será alcançada com vinte participantes. Os participantes serão abordados (convidados a participar da pesquisa) por e-mail.

#### Roteiro de entrevista

##### 1) Identificação do respondente:

- a. Nome;
- b. Idade;
- c. Universidade em que cursou o doutorado;
- d. Universidade em que atua;
- e. Linha de pesquisa.

##### 2) Conteúdo da pesquisa

- a. O que você entende como qualidade da prática de pesquisa?
- b. Quais são as práticas de pesquisa que você utiliza e que refletem a qualidade da prática de pesquisa?
- c. Dentre as práticas que o (a) senhor(a) mencionou, quais você entende que estão mais fortemente presentes na academia contábil brasileira?
- d. Por qual motivo isso ocorre?
- e. Existe alguma prática que você entende que deveria ser fortalecida na academia contábil brasileira, em prol de sua consolidação enquanto ciência?

Metodologia de Análise de Dados: A análise das entrevistas ocorrerá através da Análise de Conteúdo que é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos da descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2021, p.44). Para este trabalho será utilizada a abordagem indutiva, ou seja, sem códigos previamente definidos. A unidade de registro do código será o tema, e a enumeração irá ocorrer por frequência. Destecho Primário: Compreender a construção social da realidade da qualidade da prática de pesquisa em Ciências Contábeis.

**Endereço:** Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121  
**Bairro:** Centro **CEP:** 80.060-150  
**UF:** PR **Município:** CURITIBA  
**Telefone:** (41)3360-5094 **E-mail:** cep\_chs@ufpr.br

Continuação do Parecer: 6.042.712

**HIPÓTESE:**

não se aplica na pesquisa

**Objetivo da Pesquisa:**

**OBJETIVO PRIMÁRIO:**

Compreender como a qualidade da prática de pesquisa tem sido desenvolvida, transmitida e mantida por meio dos hábitos dos atores na pesquisa acadêmica contábil.

**OBJETIVOS SECUNDÁRIOS:**

- a) verificar quais as práticas de pesquisa produzidas pelos atores da academia contábil brasileira que refletem qualidade;
- b) compreender como a qualidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira são construídas.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**RISCOS:**

Por mais que seja baixo o risco de ocorrência, os questionamentos realizados na pesquisa poderão causar mal-estar, constrangimento, insegurança e desconforto emocional aos participantes. Tais riscos serão relatados no TCLE e a medida de minimização do risco é que o participante pode desistir de participar em qualquer etapa da pesquisa.

**BENEFÍCIOS:**

Conhecimento de novas práticas de pesquisa que produzam qualidade e ajudem a consolidar a contabilidade enquanto ciência. Melhor compreensão da realidade. Para o participante, ao final, será encaminhado um artigo de divulgação com os principais resultados para que o mesmo possa compreender sobre a qualidade da prática de pesquisa em Ciências Contábeis. Isso permitirá ao participante ampliar seus conhecimentos na área e melhorar a sua prática de pesquisa por meio de reflexão e melhor compreensão da realidade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O cronograma de execução foi apresentado, serão identificados 20 participantes, pesquisadores formados, ou seja, com o doutorado completo, a serem entrevistados, em profundidade (uma entrevista online com tempo estimado de 10 a 20 minutos), a partir de 22/05/2023. Os participantes serão abordados (convidados a participar da pesquisa) por e-mail. Foi apresentado

**Endereço:** Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121  
**Bairro:** Centro **CEP:** 80.060-150  
**UF:** PR **Município:** CURITIBA  
**Telefone:** (41)3360-5094 **E-mail:** cep\_chs@ufpr.br

Continuação do Parecer: 6.042.712

orçamento de assinatura software Atlas TI e Transcribe.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresentou todos os documentos necessários e novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde informa que é "possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a mal-estar, constrangimento, insegurança e desconforto emocional, porém o risco de ocorrência é baixo e você pode solicitar o fim da entrevista a qualquer tempo."

**Recomendações:**

Nenhuma

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após análise e deliberações, salvo melhor juízo, conclui-se que não há pendências ou inadequações no protocolo em tela.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

01. Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, RELATÓRIOS PARCIAIS semestrais (a cada seis meses a partir da data de aprovação), com o relato do andamento da pesquisa, via Plataforma Brasil, usando o recurso NOTIFICAÇÃO. Informações relativas às modificações do protocolo, como cancelamento, encerramento, alterações de cronograma ou orçamento, devem ser apresentadas no modo EMENDA. No encerramento da pesquisa deve ser submetido via NOTIFICAÇÃO da Plataforma Brasil o RELATÓRIO FINAL.

02 - Importante: (Caso se aplique): Pendências de Coparticipante devem ser respondidas pelo acesso do Pesquisador principal. Para projetos com coparticipante que também solicitam relatórios semestrais, estes relatórios devem ser enviados por Notificação, pelo login e senha do pesquisador principal no CAAE correspondente a este coparticipante, após o envio do relatório à instituição proponente.

03 - Favor inserir em seu TCLE e/ou TALE o número do CAAE e o número deste Parecer de aprovação, para que possa apresentar tais documentos aos participantes de sua pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2107260.pdf	12/04/2023 16:11:44		Aceito
Outros	RESPOSTAS.docx	12/04/2023 16:09:35	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito

**Endereço:** Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121  
**Bairro:** Centro **CEP:** 80.060-150  
**UF:** PR **Município:** CURITIBA  
**Telefone:** (41)3360-5094 **E-mail:** cep\_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
PARANÁ - CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 6.042.712

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLCorrigido.docx	12/04/2023 16:08:38	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoPesquisa.docx	20/03/2023 21:12:58	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito
Outros	ATA.pdf	20/03/2023 17:58:15	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	20/03/2023 17:52:13	Sayuri Unoki de Azevedo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CURITIBA, 05 de Maio de 2023

---

**Assinado por:**  
**Simone Cristina Ramos**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121  
**Bairro:** Centro **CEP:** 80.060-150  
**UF:** PR **Município:** CURITIBA  
**Telefone:** (41)3360-5094 **E-mail:** cep\_chs@ufpr.br

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do Projeto:** A Construção Social da Realidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira.

**Pesquisadora responsável:** Sayuri Unoki de Azevedo

**Pesquisadora assistente:** Carolina Vilella Castelo Branco Oliveira

**Local da Pesquisa:** Laboratório De Controle Gerencial.

**Endereço:** Av. Prefeito Lothário Meissner, 668 - 794 - Jardim Botânico, Curitiba, Estado do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, 1º andar, Laboratório de Controle Gerencial.

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas.

Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Você é livre para decidir participar e pode desistir a qualquer momento sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada como “**A Construção Social da Realidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira**” tem como objetivo compreender como a qualidade da prática de pesquisa tem sido desenvolvida, transmitida e mantida por meio dos hábitos dos atores na pesquisa acadêmica contábil.

Participando do estudo você está sendo convidado/a à uma entrevista online com tempo estimado de 10 a 20 minutos.

- A entrevista será composta por dois blocos, em que o primeiro se refere a identificação do respondente; e o segundo bloco se refere ao conteúdo da pesquisa em si.
- Caso você aceite participar da pesquisa, você deverá responder o email com o convite inicial, indicando a disponibilidade de, no mínimo, três possíveis datas para a realização da entrevista.
- A entrevista será executada e gravada por meio da plataforma *Google Meet*. Posteriormente, será transcrita pela pesquisadora assistente com o apoio da plataforma *Transcribe* e então, analisada por meio do software *Atlas.ti*.
- Esta entrevista será unicamente empregada nesta pesquisa. O término previsto para este estudo é de agosto de 2023. Após a transcrição da entrevista, o material ficará guardado por 5 (cinco) anos, sendo deletado ao término desse prazo.
- Sigilo e privacidade: Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.
- As informações relacionadas ao estudo poderão ser publicadas em artigos científicos e em trabalhos acadêmicos. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_ Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Versão: \_\_/\_\_/2022

Página 1 de 3

publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a **sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade.**

- Desconforto e riscos: É possível que você experimente algum desconforto, principalmente relacionado a mal-estar, constrangimento, insegurança e desconforto emocional, porém o risco de ocorrência é baixo e você pode solicitar o fim da entrevista a qualquer tempo, podendo também, entrar em contato direto com as pesquisadoras e procurar atendimento de urgência e emergência médicas do Sistema Único de Saúde.
- Benefícios esperados: O principal benefício desse trabalho está na discussão sobre como vêm sendo construída socialmente a qualidade das práticas de pesquisa na academia contábil brasileira. Essa discussão pode, futuramente, ajudar a identificar falhas no processo de formação dos pesquisadores; assim como encontrar elementos que auxiliem na consolidação da contabilidade enquanto Ciência.
- As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua participação.

#### **Contato:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa (antes, durante e depois de encerrado o estudo), você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por este estudo: Sayuri Unoki de Azevedo (pesquisadora principal), Carolina Vilella Castelo Branco Oliveira (pesquisadora assistente), no endereço: *Av. Prefeito Lothário Meissner, 668 - 794 - Jardim Botânico, Curitiba, Estado do Paraná, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, 1º andar, Laboratório de Controle Gerencial*, em horário comercial e nos e-mails: [sayuri.unoki@ufpr.br](mailto:sayuri.unoki@ufpr.br), [carolina.vilella@ufpr.br](mailto:carolina.vilella@ufpr.br)

Em caso de emergência, você também contatar a pesquisadora Carolina Vilella Castelo Branco Oliveira no número (67) 9 9905-1088, em qualquer horário.

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, Subsolo Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sala SA.SSW.09, na Av. Prefeito Lothário Meissner, 632- Campus Jardim Botânico, (41) 3360-4344, ou pelo e-mail [cep\\_chs@ufpr.br](mailto:cep_chs@ufpr.br).

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Rubrica do pesquisador: \_\_\_\_\_ Rubrica do participante: \_\_\_\_\_

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas informo que aceito participar.

Nome do/a participante da pesquisa:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

(Assinatura do/a participante da pesquisa)

Rubrica do pesquisador:\_\_\_\_\_ Rubrica do participante:\_\_\_\_\_

Versão: \_\_/\_\_/2022

Página 3 de 3

## APÊNDICE D – CODEBOOK

Categoria	Código	Descrição	Trecho exemplo	Respondente
Aprendizado	Conversa	Conversa, indireto	Eu acredito que a comunicação intensiva entre o aprendiz e o professor ali que tá naquele papel de orientador nessa trajetória de pesquisa.	E8
Aprendizado	Disciplinas	Disciplinas com foco em prática científica	[...] esse processo [de aprendizado] é contínuo, ele tem um disparo inicial (...), que é, exatamente, quando a gente faz essas disciplinas de metodologia (...) no mestrado e no doutorado [...]	E2
Aprendizado	Enquanto orientador	Enquanto orientador, no curso da orientação	A gente acaba orientando muita gente, e o processo de orientação é um processo de aprendizado (...) porque pra que a gente possa contribuir com o nosso orientando, a gente começa a entender as experiências que cada um teve (...) e, por consequência, o aprendizado, ele é muito constante.	E18
Aprendizado	Fazendo	Executando as tarefas	Então, a prática, a realização de pesquisa é um processo para construir isso [o aprendizado da qualidade da prática de pesquisa].	E11
Aprendizado	Formação continuada	Aprendizado constante	Eu acho que tem um outro, vamos dizer assim, um outro procedimento, que talvez eu acho que é importante, que é a formação contínua.	E7
Aprendizado	Laboratório	Laboratório de pesquisa	Pensando nisso, nessa dificuldade que eu tinha, eu montei um laboratório. Eu escolhi não ter um grupo de pesquisa, e sim um laboratório. [...] Porque a ideia de laboratório, diferente de grupo, que a gente vai, sei lá, estudar paper e tal, a ideia do laboratório é uma ideia de experimentação. É uma ideia de prática.	E5
Aprendizado	Lado humano	Postura de menor cobrança, que abre espaço para o aluno	Porque o ambiente, ele é muito duro dentro da área de pesquisa. Ele, muitas vezes, na parte psicológica, ele é muito pesado. Qualidade na prática da pesquisa é conseguir também fazer esse processo ficar mais leve.	E8

Aprendizado	Leitura de artigos	Leitura de artigos	O que eu falo é algo nessa linha de que peguem artigos de referência quanto ao método, veja como ele fez e procure fazer igual (...).	E2
Aprendizado	Manter atualizado	Acompanhar publicações e outras novidades da área	[...] eu pratico bastante isso, leitura dos artigos que estão saindo nas revistas, apresentação de artigos em congressos fora, interação com professores estrangeiros, para justamente sair da zona de conforto. Porque o conhecimento tem, é brincadeira, mas tem validade. Então, você tem que sempre empurrar a validade, você atualiza, eu empurro um pouco minha validade para X anos.	E7
Aprendizado	Oficinas	Oficinas, workshops	Os vetores, para mim, são essas oficinas. A gente tem oficinas metodológicas, oficinas de discussão de teoria, e que é útil para todo o público (...). Essa aí eu vejo como uma das melhores práticas de coletivas ou de campo, assim, que a gente pode ter para desenvolvimento ou para a qualidade de pesquisa.	E1
Aprendizado	Orientação	Reuniões e tarefas da orientação	Os meus orientados, especificamente, aí você tem um contato mais diário, e aí a gente acaba balizando, (...) dando alguns, alguns caminhos que vão ser menos complicados [...].	E4
Aprendizado	Pessoas referência	Pessoa referência	[Aprendo] espelhando em pessoas que são referência.	E7
Aprendizado	Prática	Execução não teórica	Então, por exemplo, eu vou avaliar um artigo, nós avaliamos todos juntos. E aí eu falo pra eles o que eu acho que é bom num artigo. [...] Então, essas coisas que a gente vai fazendo junto no laboratório também vai passando muito pra eles. Até que chega um ponto que eu confio o suficiente e que eu peço pra eles fazerem sem a minha supervisão. [...]	E5

Aprendizado	Preparação de material para discussão	Preparar material para aula, apresentação ou debate	Uma outra coisa que eu gosto bastante de fazer é preparar aula, mesmo que eu não vá dar uma aula sobre um assunto. Ou então, eu encaixo esse assunto como aula num encontro de grupo de pesquisa. Encaixo o tema como debate. O que vai me demandar uma agenda de preparação de aula. E aí, como preparação de aula, cada professora tem o seu método. Eu sigo esse método pra um determinado tema.	E5
Aprendizado	Proximidade orientador	Atuação próxima ao orientador	Então, eu considero quase que orientação como se fosse uma outra aula, mas uma aula que vai durar dois anos no mestrado, quatro anos no doutorado, e que quinzenalmente a gente se encontra para falar sobre a condução, a construção da pesquisa [...]	E1
Aprendizado	Revisor	Revisor de periódico	[...] até mesmo em pareceres que eu faço para revistas, eu aprendo com os artigos que eu avalio.	E7
Aprendizado	Tentativa e erro	Tentativa e erro, ação	E quase sempre deu certo. Algumas... Algumas vezes eu não dei conta. E algumas vezes eu me excedi. Eu tive que... Eu tive um custo muito alto pro benefício que eu tive. Mas eu aprendi.	E5
Continuidade	CAPES	Agência avaliadora	Não vou te dizer, ah, eu preciso dos meus sonhos. Não, eu olho o que a CAPES avalia, o CNPQ avalia, e a partir daí eu traço minhas metas, meus objetivos, etc. Então, não tem muito como a gente fugir disso.	E5
Continuidade	Capital intelectual	Conhecimento acumulado por determinado pesquisador	Infelizmente, digamos, o pesquisador é um capital intelectual. Então, a hora que eu me afastar por uma questão de idade mesmo, que eu sair da academia, sai comigo todo um conhecimento que eu fui construindo ao longo do ano.	E11
Continuidade	Colaboração	Cooperação	Então, eu acho que é esse forço colaborativo.	E7

Continuidade	Geram resultado	Aquilo que funciona	Porque elas [más práticas e mecanismos] geram, de certa forma, resultado, tá?	E8
Continuidade	Instituição	Instituição primária a qual o pesquisador está alocado	[o incentivo] na sua instituição, ele não é determinante, mas ele condiciona bastante a expansão ou a retração da pesquisa, (...) das atividades de pesquisa.	E10
Continuidade	Naturalizado	Hábitos enraizados, sem questionamento	Eu não vejo que nós, como professores, temos algum tempo maior de reflexão ou alguma, assim, de compartilhamento. Não acho que tem esse ambiente. É uma prática naturalizada, sempre foi assim, normalmente vivenciaram isso, e eles vão lá e reproduzem.	E8
Continuidade	Preferência do Orientador	Reproduz obrigatoriamente as ações do orientador	Muitas vezes, como as relações são construídas,[...] por exemplo, o orientador, ele diz que vai ser uma pesquisa positiva, e o aluno muitas vezes não vai desistir, precisa finalizar. Muitas vezes isso é um elemento presente.	E4
Continuidade	Recompensa prática	Retorno positivo e prático	Porque nós aqui acadêmicos, que as coisas demoram anos pra acontecer, você fica lá 10 anos trabalhando e de repente alguém vem e fala nossa, eu li o negócio que você escreveu e aí eu dei pro meu aluno e o aluno levou pra não sei aonde e aí fez tal coisa. Você fala nossa! É isso, sabe? Impactei, impactou! Não impactei 50 mil pessoas, impactei duas, tá bom.	E5

Continuidade	Repetição	Recorrência	<p>Por isso que, na minha visão, se os professores não tiverem um comprometimento em reproduzir, em transmitir para os alunos o que é boa prática de pesquisa, pode ser que ele aprenda e pode ser que ele não aprenda. Porque se ele tiver contato com quem adota boas práticas, ótimo, ele vai reproduzir aquilo. Se ele não tem esse contato, ele vai reproduzir o que é ruim.</p>	E17
Continuidade	Tradição	Ações voltadas a crenças, que são passadas de geração em geração	<p>Mas a tradição e o incentivo local, no nosso caso, também interfere, né?</p>	E10
Direções	Autonomia	Fazer pesquisa com menos limitações	<p>[Eu acho] que a gente poderia ter uma diversidade maior de formas de realizar pesquisa, que, às vezes, a gente tem algumas limitações que não nos permitem, né? [...]. Eu, quando eu comecei a atuar no programa, eu era um pouco mais ousado em termos de desenvolver pesquisas experimentais em sala de aula, com aluno e tal, fazer experimentos, quasi-experimentos, coisas desse tipo. Hoje, para fazer esse tipo de pesquisa, eu tenho um trabalho grande com o Comitê de Ética, porque ele me exige uma série de aspectos relacionados a isso.</p>	E18

Direções	Ciência aberta	Compartilhamento de dados e protocolos	A ideia, e que tem crescido, a ideia de ciência aberta, eu acho que é uma ótima prática, e que, especificamente, para pesquisa quantitativa, tem aumentado a pressão pela melhoria da qualidade do que é submetido aos periódicos em especial, mas também tem ensinado os pesquisadores a fazerem do jeito adequado.	E17
Direções	Consolidar o conhecimento	Replicação de estudos por outras óticas para firmar o conhecimento	O que eu vejo na área contábil, se não é novidade, não publica. [...] Enquanto o conhecimento, ele se consolida por isso, por ser replicado e testado e retestado. Então isso é uma dificuldade que eu vejo, assim, que as revistas sempre querem novidade, querem estar sempre na crista da onda, né?	E6
Direções	Formação de avaliadores	Formação de avaliadores de periódicos	[...] Então, assim, as revistas têm que preparar seu corpo de avaliadores também. E isso é uma prática que a gente não tem na academia hoje, assim. A formação de avaliadores por parte das revistas, por parte dos editores, né? Dos corpos editoriais.	E1
Direções	Formação sólida	Formação sólida de pesquisadores; aprendizado intenso das melhores práticas	[...] talvez fatores de formação do pesquisador também possa afetar a qualidade da pesquisa. (...) se você tem uma formação mais sólida, mais consistente (...) ao longo da sua qualificação e você for construindo experiências, né? Eu acho que isso interfere na qualidade da pesquisa também.	E10
Pontos negativos	Apego à tradição de pesquisa	Pesquisa homogênea, dentro da caixa, paradigma quantitativo	E eu acho que a contabilidade é muito fechada. Muito fechada. A gente tem dificuldade imensa com as coisas que a gente pesquisa de entrar em outros lugares da contabilidade.	E5

Pontos negativos	Avaliador despreparado	Conflito de interesse, falta de conhecimento	[às vezes] o avaliador não tá ali nem disponível, nem disposto, nem preparado pra receber aquele tipo de artigo.	E1
Pontos negativos	Baixa qualidade	Baixa qualidade	E a gente tem visto aí nas avaliações que a gente faz, nos eventos, né, assim, qualidades que você vê que estão baixas porque o trabalho, às vezes, até tem potencial, né? Só que são trabalhos que não foram amadurecidos, não foram trabalhados, né?	E10
Pontos negativos	Ego	Ego	Eu acho que é ego. Assim, literalmente, eu acho que é muito ego.	E16
Pontos negativos	Falta de incentivo	Falta de incentivo	Pra mim, aqui, o incentivo ele é todo na quantidade, e o que privilegia a quantidade, não a qualidade. Então, hoje, se você observar, por exemplo, a maioria dos professores focam em publicações com seus orientandos (...), não vê muito professor dedicado à pesquisa, por quê? Porque não tem incentivo, (...) não tem o incentivo da própria escola. (...) e a escola ela não dá um incentivo adequado para o professor buscar um diferencial de publicação, e também não tem o incentivo da própria CAPES [...].	E15
Pontos negativos	Falta de planejamento ciência	Falta de planejamento da ciência	[...] sinceramente, eu acho que falta um planejamento de base da ciência brasileira, certo?	E3
Pontos negativos	Medo da crítica	Entender a crítica como ataque pessoal	E o outro ponto tem a ver, talvez, com a... uma percepção de que a gente ainda tem dificuldade, pelo menos em certa medida, de lidar com a crítica. Então, acho que muitas vezes você, em algumas situações, você vai criticar e algum colega entende que talvez a crítica seja pessoal, quando, na verdade, não é. Muitas vezes a crítica é para melhorar o trabalho.	E4

Pontos negativos	Produtivismo	Estímulo para o aumento da quantidade de publicações	[...] esse produtivismo que é cobrado aqui no Brasil é algo que é muito ruim para a área. Então, muitas vezes você, no mestrado, tem várias disciplinas, o aluno tem que fazer um artigo, e aquilo é muito ruim em termos de qualidade.	E4
Pontos negativos	Protecionismo	Proteção das ideias e dados	[...] as pessoas também não têm uma abertura para discutir o projeto do seu amigo, do seu colega. É o meu, eu quero fechar, porque, de repente, se eu for discutir, eu posso estar dependendo... dar uma boa ideia para o meu colega, ele vai lá (...) se apropria. Então, assim, algumas coisas bem culturais mesmo.	E14
Pontos negativos	Utilitarismo	Falta de reflexão filosófica	E o que me parece é que o que falta nessa formação dos pesquisadores é um enfoque menos utilitarista. [...]. Então, imagina você se formar doutora sem ter ideia do que é ser pesquisadora [...]. Você é um mero reprodutor.	E11
Qualidade da prática de pesquisa	Atende aos stakeholders	Atende aos interessados na pesquisa	Desde as organizações com as quais nós trabalhamos, até o pesquisador, a banca, enfim, todos, exatamente, os stakeholders da pesquisa, eles devem se sentir satisfeitos com o que é realizado.	E13
Qualidade da prática de pesquisa	Avanço de conhecimento	Avança no conhecimento teórico	Obviamente, que quando eu penso numa pesquisa de qualidade também, eu tenho que pensar numa produção científica que causa impacto. Mas o que é esse impacto? A meu ver, é algo que a gente faz algum avanço científico, complementa de alguma forma aquilo que já foi feito antes.	E17
Qualidade da prática de pesquisa	Comunicação final	Linguagem, encadeamento lógico, coerência na escrita	[...] se os resultados respondem efetivamente aquilo que foi proposto e se você consegue passar uma linguagem consistência, consistente para os leitores, né?	E3

Qualidade da prática de pesquisa	Domínio do tema	Conhecimento profundo do tema	Ah, eu sou meio, assim, a primeira coisa é que eu trabalho com temas que eu realmente gosto, hoje em dia eu posso falar isso, e temas que eu tenho um certo conhecimento, tenho um certo domínio da área. Então, pra mim hoje, eu consigo identificar gargalos de pesquisa, porque eu tenho uma visão teórica sobre aquilo que eu tô pesquisando, e eu já conheço aquilo que as pessoas estão fazendo no meio.	E18
Qualidade da prática de pesquisa	Embasamento teórico	Pesquisa que usa de teoria ou evidência	Tem que ter uma boa amarração de teoria com método e explicação.	E17
Qualidade da prática de pesquisa	Engajamento dos participantes	Engajamento dos participantes	[...] nós sabemos que ela tem qualidade, por exemplo, na hora em que nós conseguimos uma participação das pessoas, um engajamento [...].	E13
Qualidade da prática de pesquisa	Epistemologia	Conhecimento científico pelo olhar filosófico	Certamente, assim, a formação de base de pesquisa, né? A formação sobre ontologia e epistemologia. Raramente os programas abordam esse tipo de tema, raramente, tá?	E1
Qualidade da prática de pesquisa	Ética	Comitê de ética, aspectos éticos da pesquisa	A questão do cuidado do ser, da preparação da pesquisa, a fase realmente que você está fazendo um projeto, um diagnóstico, montando um protocolo de pesquisa, aspectos éticos, né?	E14
Qualidade da prática de pesquisa	Formação de pesquisadores	Formação de pesquisadores	É fundamental a habilidade do pesquisador de formar novos pesquisadores também. E isso é fundamental para a manutenção da qualidade da pesquisa ao longo do tempo também.	E1

Qualidade da prática de pesquisa	Impacto (citação)	Pesquisa impacta através da citação, outras pessoas utilizam a pesquisa	Mas, de forma geral, eu entendo que a qualidade de pesquisa está associada a... Ela precisa estar associada ao impacto, né? E que, por sua vez, está associada à quantidade de citações. Então, está todo mundo perseguindo o volume de citações. E é, talvez, a proxy, a medida mais aproximada de qualidade que a gente tem.	E15
Qualidade da prática de pesquisa	Inovador	Pesquisa com temática ou abordagem nova	Mas você ao ler um trabalho e ver que tem uma ideia inovadora, que ela muitas vezes atende uma questão que já vinha (...) sendo relevante, mas ele, digamos, conseguiu ver de uma outra forma a situação e trazer uma resposta inovadora.	E4
Qualidade da prática de pesquisa	Lacuna/ Problema de pesquisa	Assunto ainda não abordado por determinada ótica, problema ainda não resolvido	Então, a gente parte sempre de um problema, esse problema precisa ter duas verificações, que é o mundo real e o mundo acadêmico, eu preciso ter consistência no mundo acadêmico de pessoas que tratam isso e também preciso verificar se esse problema é real na prática, né?	E3
Qualidade da prática de pesquisa	Ontologia	Estruturação de conhecimento que permite fazer inferência	Então, um bom domínio de elementos ontológicos, epistemológicos, para então chegar nos elementos metodológicos.	E1
Qualidade da prática de pesquisa	Pesquisa estruturada	Objetivo definido, objetivo alinhado ao problema, problema definindo o método	[...] quando eu passo em disciplina, eu passo assim: primeiro você define o seu problema e depois você define as abordagens que você quer dar para esse problema; se você vai utilizar métodos quantitativos, qualitativos ou métodos mistos. Eu sempre digo que o problema de pesquisa deveria ditar qual é a abordagem e não o contrário, né?	E3
Qualidade da prática de pesquisa	Planejamento da pesquisa	Diagnóstico do trabalho	A partir do plano de trabalho, né? O plano de trabalho passa por um tempo de especialistas, um tempo de pesquisa.	E9

Qualidade da prática de pesquisa	Protocolo metodológico	Passo-a-passo da aplicação do método	Então, cada metodologia, abordagem metodológica, tem (...) isso validado pela área: um protocolo de pesquisa.	E7
Qualidade da prática de pesquisa	QPP - Definição	Definição ou indefinição primária, definição não decomposta	[...] a qualidade de pesquisa, ela tem diversas vértices [...]	E14
Qualidade da prática de pesquisa	Qualis	Avaliação do artigo publicado pela métrica da CAPES	Então, eu acredito, na minha opinião, sim, uma forma de medir qualidade é olhar o Qualis, o fator de impacto do local onde o trabalho foi publicado, mas acho que não é só isso, acho que a gente precisa ir um pouco além.	E12
Qualidade da prática de pesquisa	Recursos	Infraestrutura para realização da pesquisa	Ah, eu acho que, assim, infraestrutura também (...) tem relação (...) no sentido de que se você precisa de laboratórios, se você precisa de recursos físicos, computadores, determinados equipamentos, se você tem dificuldade de acesso a isso, (...) a essa infraestrutura necessária, aos recursos físicos, materiais necessários, isso afeta a qualidade da pesquisa também, né?	E10
Qualidade da prática de pesquisa	Relevância	Apelo, visibilidade, importância em determinado período de tempo	A primeira delas é, obviamente, pelo título, identificar qual é a temática, né? Se a temática tem algum tipo de apelo, atualmente.	E15
Qualidade da prática de pesquisa	Revisão de literatura	Revisão sistemática, cobertura dos trabalhos seminais e recém-lançados	[...] o principal estágio, inicialmente, é entender o atual cenário desse problema a partir de uma perspectiva de revisão sistemática [...].	E9

Qualidade da prática de pesquisa	Rigor	Aplicação de método adequado com o problema de pesquisa, que permitirá respondê-la de forma correta; método aplicado com precisão	Eu acho que a gente poderia se fortalecer muito em métodos, tá? [...] mas método não só de saber a técnica, mas elementos de rigor na pesquisa.	E8
Qualidade da prática de pesquisa	Tempo	Maturidade da pesquisa, período necessário para a realização da pesquisa	Você vê que lá fora, muitas vezes, o cara trabalha um ano, dois anos, num artigo para depois publicar. Então, isso acaba dando mais tempo mesmo para desenvolver, para maturar aquele produto.	E4
Qualidade da prática de pesquisa	Transparência	Dados e posicionamento do pesquisador estão acessíveis e claros	Quando eu estou olhando em uma pesquisa qualitativa, eu vejo que tem algumas coisas que são mais importantes, que estão relacionadas à transparência da pesquisa, sabe? A maneira, a posição do pesquisador, me parece que isso é muito... A maneira como você articula, isso me parece que está sempre muito presente.	E11
Socialização	Consórcio mestral/doutoral	Participação em consórcio mestral/doutoral	[Eu] incentivo eles [alunos] a mandar seus projetos de pesquisa para os consórcios do mestral, e explica a importância de colocar isso em discussão.	E14

Socialização	Exposição internacional	Participação em congressos, fóruns, grupos, comitês internacionais	E, por fim, alguma exposição internacional. Alguma coisa. Ou você revisar para um jornal de fora, ou você estar no board, ou você mandar constantemente e receber feedback. Ou você ir em congresso fora do país, o que tiver o seu alcance de fazer, sabe? Ou você participar, ainda que timidamente, de um grupo que tenha membros internacionais. Mas ter um pé, assim, na rua para ver o que acontece.	E5
Socialização	Feedback	Discussão com os pares do trabalho finalizado, seja em periódicos ou em congressos	Eu mostrava pra ele e ele me dava um feedback. Então o feedback acaba sendo importante nessa construção também, né?	E8
Socialização	Fóruns de discussão	Participação em fóruns com o objetivo de discutir as pesquisas em andamento	Uma outra coisa que eu acho que a gente ainda é carente é de fóruns de discussão de qualidade. Não são fóruns de apresentação. São fóruns de discussão de pesquisas em andamento. Projetos e pesquisas em andamento. Acho que a gente tem muitas oportunidades de interação, mas, muitas vezes, não são úteis para você desenvolver pesquisas.	E7
Socialização	Grupo de pesquisa	Participação em grupo de pesquisa com o objetivo de socializar conhecimento direto ou indireto	E aí, nesse ponto, eu acho que o pesquisador tem esse outro papel que é o papel de fomentar pesquisa dentro da contabilidade, dentro dos programas. E como é que eu fomento isso? Eu fomento isso, os meus orientandos, dentro do grupo de pesquisa.	E11
Socialização	IP - Pesquisador	Interagir entre pares com o objetivo de socializar conhecimento indireto	A interação com pares, e eu digo pares dentro do meu programa, fora do meu programa, vínculos que a gente vai construindo, vínculos profissionais com colegas que a gente vai construindo, vão me ajudando nesse processo.	E11

Socialização	IP - Processo	Interagir entre pares com o objetivo de socializar conhecimento direto	Mas, eventualmente, o meu principal diferencial é que - estou especulando - O meu principal diferencial é o rigor no processo de coleta de dados, e aí o meu coautor é muito rigoroso no processo de análise de dados, e o meu outro coautor é muito rigoroso na redação. Então, isso dá um combinado que, no final, o resultado é melhor do que se eu escrevo sozinho, ou ele escreve sozinho, ou o outro escreve sozinho.	E2
Socialização	Participação em board	Participação em corpo editorial	Me dá muito trabalho, mas eu só faço porque me ajuda muito. É ser a advisory board ou editorial board ou editorial assistant ou assim...estar no board.	E5
Socialização	Participação em congresso	Participação em congresso com o objetivo de socializar conhecimento indireto	A participação em congressos é um processo para você construir isso.	E11
Sociedade	Academia - Sociedade	Aproximar a academia com o mercado e o público geral; popularizar a ciência	Eu acho que o primeiro seria a aproximação da academia com as empresas. Isso a gente tem debatido bastante.	E7
Sociedade	Resultado prático	O resultado da pesquisa precisa impactar a sociedade; artigo tecnológico; deve aderecer a uma utilidade prática	Para quem a gente faz ciência? Então, isso é uma coisa que precisa ser repensada. Como é que a gente faz essa pesquisa? Eu não [quero] que a pesquisa seja utilitarista, eu não concordo. Toda pesquisa tem que ser... tem que ter uma situação, algo que na prática resolva de imediato.	E11

